



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LÍVIA DE AVELAR ANDRADE GUIMARÃES

***O QUE É O JARDIM DE INFÂNCIA: TEXTOS E IMAGENS QUE EXPLICITAM
CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS (PABAE, 1965)***

BRASÍLIA

2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LÍVIA DE AVELAR ANDRADE GUIMARÃES

***O QUE É O JARDIM DE INFÂNCIA: TEXTOS E IMAGENS QUE EXPLICITAM
CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS (PABAE, 1965)***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como exigência final para a obtenção do título de Pedagoga pela UNB.

Orientadora: Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa

BRASÍLIA

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lq

Lívia de Avelar Andrade, Guimarães

O QUE É O JARDIM DE INFÂNCIA: TEXTOS E IMAGENS QUE
EXPLICITAM CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS (PABAAE,
1965) / Guimarães Lívia de Avelar Andrade; orientador
Barbosa Etienne Baldez Louzada. -- Brasília, 2022.

62 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2022.

1. Jardim de Infância. 2. Nazira Abi-Sáber. 3.
Materialidades. 4. Práticas. I. Etienne Baldez Louzada,
Barbosa, orient. II. Título.

***O QUE É O JARDIM DE INFÂNCIA: TEXTOS E IMAGENS QUE EXPLICITAM
CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS (PABAE, 1965)***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como exigência final para a obtenção do título de Pedagoga pela UNB.

Orientadora: Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa

Aprovado em:

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa - MTC/FE
Orientadora

Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos - TEF/FE
Examinador

Profa. Dra. Franciele Ferreira França - USP
Examinadora

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias - MTC/FE
Suplente

Dedico este trabalho a minha família e amigos, que tornaram a minha trajetória na UnB mais leve e mais feliz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, infinitamente. Aos meus pais, porque sem eles seria impossível chegar até aqui, pois nunca mediram esforços para que eu me sentisse amada e acolhida. As oportunidades de estudo, o amor, o carinho, as broncas e o cuidado foram fundamentais para formar a pessoa e a profissional que sou. À minha irmã, pelos momentos juntas de conversas até tarde, risadas e conselhos.

Aos meus amigos e amigas que serviram de refúgio dos estudos sempre que precisei, e às amigas que fiz no curso de pedagogia que me ajudaram a superar as dificuldades nas disciplinas e na vida. Me sinto feliz e grata por ter conhecido a todos e espero tê-los sempre comigo.

À Vânia, minha psicóloga, pelo apoio e cuidado que teve comigo durante esses quatro anos e meio de curso, me passando serenidade para aproveitar e conciliar a vida e os estudos.

À minha orientadora Etienne Baldez, por me apoiar na escrita deste e de outros trabalhos durante, com tanto carinho e compreensão.

Ao professor Juarez José Tuchinski dos Anjos e à professora Franciele Ferreira França, por aceitarem o convite de estarem na banca de defesa deste trabalho e à professora Paula Cobucci.

RESUMO

O QUE É O JARDIM DE INFÂNCIA: TEXTOS E IMAGENS QUE EXPLICITAM CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS (PABAE, 1965)

Este trabalho tem como objetivo principal compreender as relações entre imagens e textos sobre a educação de crianças pequenas nos jardins de infância na década de 1960, por meio do manual voltado para as professoras do pré-primário intitulado *O que é o Jardim de Infância* (1965), de Nazira Féres Abi-Sáber. Para tanto, se fez necessário, ainda que inicialmente, buscar os ideais de pré-escola nesse período; analisar as imagens do manual; entender as contribuições da obra para a formação de professoras do ensino pré-primário; e compreender os aspectos materiais e do ambiente do Jardim de Infância propostos no livro. A criança, que vive o tempo de vida que identificamos como infância, e as instituições a ela destinadas, passaram por reformulações até se consolidarem na forma como se organizam atualmente. Nas primeiras décadas do Novecentos, o Jardim de Infância foi sendo burilado por diferentes concepções e ideais, o que não se permitia um consenso sobre quais seriam as melhores formas de organizá-los. Assim, os manuais voltados para as professoras que trabalhavam na pré-escola ou pré-primário podem ter servido como orientadores das práticas realizadas nos jardins de infância, permitindo algumas interpretações históricas acerca das concepções, práticas e materialidades voltadas para a educação das crianças pequenas na primeira metade do século XX. Dessa forma, permitem que se compreenda, entre outros fatores, como eram organizadas essas instituições, quais atividades eram realizadas nelas, quais tipos de materiais eram utilizados e qual o papel da professora. Foi com esse intuito que esta pesquisa, de cunho histórico, se voltou para a obra *O que é o Jardim de Infância* (1965). A fim de entender quais concepções de jardim infância circulavam na década de 1960, foi feita uma busca por imagens dessas instituições nos jornais da época, para que fosse possível verificar como as práticas e ideais propagados por Nazira Féres Abi-Sáber (1965) se davam nos jardins de infância brasileiros. Também o diálogo com a História da Educação contribuiu para estabelecer o cenário em que se desenvolviam as instituições pré-escolares na época. Portanto, este trabalho permite uma compreensão das práticas e aspectos dos jardins de infância dos anos 1960, apresentando as atitudes esperadas da professora, bem como a organização do ambiente e dos materiais dessas instituições.

Palavras-chave: Jardim de Infância. Nazira Abi-Sáber. Materialidade. Práticas.

ABSTRACT

O QUE É O JARDIM DE INFÂNCIA: TEXTS AND IMAGES THAT DEMONSTRATE CONCEPTIONS TO CHILDREN'S EDUCATION (PABAE, 1965)

This work's main objective is to understand the relations between images and texts about children's early education in kindergartens in the 1960's decade, through the manual directed to kindergarten teachers called *O que é o Jardim de Infância* (1965), by Nazira Féres Abi-Sáber. Therefore, it was necessary to search for the conceptions of preschool at the time; to analyze the images on the book; to comprehend the relations between the manual and teacher training; and comprehend which material conditions and what type of environment are presented in the book. Children, who lives the life stage identified as childhood, and the institutions destined to them, went through modifications until they consolidated the way they are today. In the first decades of 1960, different conceptions and ideals were given to the kindergarten, making it unfeasible to create a consensus about the best ways to organize it. Thus, manuals to preschool teachers may have been used as guides to teachers, allowing some historical interpretations about conceptions, practices and materialities of young children education in the 20th century. Wherefore, teaching manuals contribute, among others, to an understanding about how kindergartens were organized, which activities were conducted in them, which school supplies were used and what was the teacher's role. For this purpose, this research has a historical approach and is directed to the book *O que é o Jardim de Infância* (1965). In order to understand what were the conceptions about the 1960's kindergartens, it was made a research for images of this institutions in newspapers, so that it could be possible to verify how the practices and ideals suggested by Nazira Féres Abi-Sáber (1965) occurred in Brazilians kindergartens. Furthermore, the dialogue with History of Education contributed to establish the scenario in which the kindergartens were developing at the time. Therefore, this work allows a comprehension about the practices and aspects of 1960's kindergartens, presenting the ideal conducts of the teacher, as well as the space organization and the materials of this institutions.

Keywords: Kindergartens. Nazira Abi-Sáber. Materiality. Practices.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Crianças pintando nuvens	31
Imagem 2 - Crianças brincando livremente	31
Imagem 3 - Heitor e sua turma do Jardim de Infância	35
Imagem 4 - Curso para professoras de Jardim de Infância e Pré-Primário	41
Imagem 5 - Quadros decorativos da sala do Jardim de Infância	42
Imagem 6 - A professora observadora	44
Imagem 7 - O responsável preocupado ou o professor/diretor pensativo	44
Imagem 8 - Crianças do Jardim de Infância da 208 Sul, de Brasília, DF	48
Imagem 9 - As mesas do Jardim de Infância	49
Imagem 10 - Mesas apertadas no Jardim da Congregação do Divino Zelo	50
Imagem 11 - Peças de uso doméstico	51
Imagem 12 - Crianças do Jardim de Infância do Instituto Benjamin Constant brincando	51
Imagem 13 - Crianças no parque do Jardim da Congregação do Divino Zelo	52
Imagem 14 - Brinquedos da área externa do Jardim de Infância	52

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DNCr - Departamento Nacional da Criança

GDF - Governo do Distrito Federal

HDBN – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PABAEE - Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar

SUMÁRIO

MEMORIAL	12
INTRODUÇÃO	14
1. DEMARCANDO UMA CONCEPÇÃO DE JARDIM DE INFÂNCIA: O OLHAR PARA O BRASIL	22
1.1 Infância, manuais e educação da criança no Brasil: um diálogo com os estudos da área	22
1.2 A concepção de Jardim de Infância segundo o manual <i>O que é o Jardim de Infância</i> (1965)	29
2. ATIVIDADES EXEMPLIFICADAS, PROFESSORAS PREPARADAS: MATERIALIDADE, EXPRESSÃO E LUDICIDADE	36
2.1 O papel da professora do Jardim de Infância	40
2.2 O ambiente e a mobília escolar	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

MEMORIAL

Ao pensar na escrita de um memorial, me vem à tona toda a trajetória que percorri para chegar até aqui, repleta de memórias que me dão orgulho e saudade de tê-las vivido. Reviver essas memórias serve também para que eu possa olhar o passado e pensar no futuro, na longa caminhada que seguirei após este momento, criando novas histórias ao seu decorrer.

Para começar, meu nome é Livia de Avelar Andrade Guimarães, sou estudante de pedagogia na Universidade de Brasília desde 2018 e muito em breve serei uma pedagoga. Fugindo do clichê que os universitários contam, que sempre souberam o que quiseram fazer da vida, eu não fui assim. Gostava de ensinar, de aprender, tinha afinidade com a maioria das matérias da escola, mas não me via voltando para ela depois de formada. No Ensino Médio, sofri o dilema de não saber o que cursar, fiz orientação vocacional, mas ainda assim ficava aquela dúvida. Depois de muito pensar e pesquisar, comecei a perceber que a educação seria uma boa carreira para mim. E mesmo ouvindo dizer que a pedagogia não dava dinheiro, que era muito sofrido e que eu não daria conta desse trabalho, resolvi me arriscar.

Me lembro como se fosse hoje o dia em que eu entrei na Universidade de Brasília e pisei na Faculdade de Educação pela primeira vez. Os sentimentos de medo, incerteza e o turbilhão de novidades com os quais me deparei no meu primeiro semestre deram lugar aos sentimentos de amor e gratidão que tenho hoje. Sou grata por ter estudado nessa Universidade incrível, por ter sido aprendiz de ótimos professores, que definiram meu caminho até aqui, e por ter certeza de que escolhi a profissão que me faz feliz.

Muitas experiências que tive durante o curso também foram determinantes para que eu chegasse até aqui hoje. Durante a graduação, tive várias oportunidades de estar em salas de aula de escolas públicas e particulares, proporcionadas pelos professores da UnB. No meu 3º semestre pude estar em uma turma do 4º ano de uma escola pública do Varjão, onde dei aulas pela primeira vez. A experiência foi conduzida pela Professora Paula Cobucci, na disciplina Ensino e Aprendizado da Língua Materna, na qual pude ensinar os gêneros textuais para essas crianças, propor atividades orais, escritas, de leitura e outras. Foi através dessa prática que pude entender melhor o papel de uma professora, os deleites da profissão e também os grandes desafios que ela proporciona.

Essa atividade no CEF 01 do Varjão abriu portas para a criação do Projeto Recrearte, do qual participei na mesma escola. O projeto era voltado para todos os alunos e tinha como foco proporcionar momentos de recreação, diversão, mediar o contato deles com artes (poesia, pintura, contação de histórias...), além de tornar o recreio um momento de união e alegria na

escola. Depois de alguns dias, o Projeto Recrearte passou a atuar também com as crianças do 3º ano que tinham dificuldades na aprendizagem. Eu fui responsável por, além das práticas de recreação na escola, auxiliar o ensino de algumas dessas crianças, criando jogos educativos e propondo atividades.

A paixão pela escola me fez retornar a ela como monitora da disciplina "Ensino e Aprendizado da Língua Materna", na área de Educação de Jovens e Adultos do Varjão. Além disso, fui também monitora de Psicologia da Educação em 2020 e de Processos de Alfabetização em 2021.

Na minha formação acadêmica, realizei dois estágios, um no Ensino Fundamental II e um na Educação Infantil. O primeiro foi feito em uma escola de cursos infantis, como costura, desenho, culinária e outros. Já o segundo foi em uma escola particular, na qual eu trabalhava com crianças de 2 e 3 anos, ensinando inglês para elas. Foi nesse estágio que meus olhos brilharam de verdade. É na Educação Infantil que as crianças se iniciam na vida escolar, aprendem sobre coisas que ainda nem sequer conhecem e vão crescendo e se desenvolvendo até a próxima fase da escola. Entender e fazer parte desse processo me encantou profundamente e me ajudou a moldar o tema deste trabalho

Recentemente, entrei no Projeto de Iniciação Científica na UnB, com o tema "Jardins de infância e creches no Distrito Federal: acervos de pesquisa e inventário de fontes" e também participei de um projeto de pesquisa sobre "O brincar no Correio Braziliense nas décadas de 1960 e 1970", ambos orientados pela professora Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa, e essenciais para a minha formação.

Por fim, mas não menos importante, não posso deixar de trazer minhas próprias memórias sobre meus anos no Jardim de Infância. Vivi uma parte deste período em Belo Horizonte, Minas Gerais, cidade onde nasci. Apesar de ser muito pequena, me lembro de como era minha escola, o Instituto Cecília Meireles. Minha professora, Simone, da qual me recordo com muito carinho, sempre nos levava para brincar em uma área da escola que tinha casinha de bonecas, túnel de brinquedo, escorregador e uma caixa de areia. Já a segunda parte do meu Jardim de Infância foi em Brasília, onde fiz grandes amigos, que na época sempre brincavam comigo no parquinho da escola. Acredito que, não por acaso, essas memórias tão especiais se mantêm comigo até hoje. A recordação dessa fase da minha infância com certeza impactou a forma como eu vejo a educação infantil atualmente e, somada às minhas experiências na área como estudante de pedagogia, foi decisiva para o tema deste trabalho e para a escolha do setor que pretendo trabalhar no futuro.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, é considerada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como "o início e o fundamento do processo educacional" (BRASIL, 2018, p. 36). Hoje, podemos entendê-la como lugar de educação e cuidado, ações inseparáveis, que tem "o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens [...]" (BRASIL, 2018, p. 36). Entretanto, a pré-escola nem sempre foi considerada por essa perspectiva e, ao longo da sua história, enfrentou diferentes ideais, reformulações, e desafios, até se consolidar na forma como se apresenta hoje¹. De acordo com Andrade (2010), essas reformulações acompanharam as mudanças sociais, trabalhistas e econômicas. Dessa forma:

A origem das instituições de atendimento à infância, na Europa, do início até a metade do século XIX, foi marcada por distintas ideias de infância, modelos de organização dos lugares e opiniões sobre o que fazer com as crianças enquanto permanecessem nessas instituições. O desenvolvimento dessas instituições esteve atrelado ao desenvolvimento da vida urbana e industrial e ao agravamento das condições de vida de um contingente de pessoas, dentre elas mulheres e crianças. Assim, podemos afirmar que a história das instituições de educação infantil não pode ser compreendida como ausente da história da sociedade e da família. (ANDRADE, 2010, p. 127).

Nascimento aponta que as instituições europeias serviram como espelho para a organização da infância brasileira. A autora ressalta que no Brasil houve uma grande circulação de ideias pedagógicas advindas de países de primeiro mundo no final do século XIX e XX, o que "fez com que médicos, juristas, intelectuais e religiosos voltassem seus olhares sobre a infância brasileira, particularmente sobre a infância pobre". (NASCIMENTO, 2015, p. 17440-14441).

A educação pré-escolar no Brasil, até meados do século XX, não era alvo das políticas engendradas pelo Estado, ou seja, não estava na pauta dos debates de legisladores e propositores de programas específicos, mas tramitava entre a preocupação da sociedade e de especialistas com a educação das crianças nos espaços pré-escolares, com a afirmativa de que se deveria preparar as crianças para o primário e, com isso, lá na frente, diminuir os números

¹ Sobre essa configuração histórica da pré-escola no Brasil, ver: KUHLMANN JR., 1998; FARIA, 2002; MARCÍLIO, 2005; entre outros.

de analfabetismo e minimizar outras ameaças econômicas e sociais. (KRAMER, 2003; ROSEMBERG, 2003).

Segundo Vieira (1988), acreditava-se que os cuidados maternos, o aleitamento e o conforto do lar eram indispensáveis para a criança pequena, sendo assim, desnecessário um lugar específico para elas. Entretanto, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, criou-se a demanda de um espaço em que as mães pudessem deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Além disso, as mães que não tinham possibilidade de deixar seus filhos nos jardins de infância da época eram obrigadas a deixar com criadeiras que, segundo Vieira (1988), eram mulheres pobres, moradoras de comunidades e que, em grande parte dos casos, não tinham aptidão ou paciência para cuidar e educar crianças pequenas. A presença de muitas crianças no mesmo ambiente e a falta de cuidados médicos causavam a proliferação de doenças, fatores que viraram o alvo das preocupações quando se criaram as primeiras pré-escolas. Assim, a medicina encontrou um local para prevenir a mortalidade infantil, o que corroborou para que a pré-escola tivesse um caráter assistencialista e higienista.

Desde a sua instituição no Brasil, os jardins de infância deveriam ser frequentados por crianças de 4 a 6 anos e possuíam objetivos voltados para a educação e para o cuidado com as crianças pequenas. De acordo com Vieira (1988, p. 15), a jardineira, responsável pelo jardim de infância, deveria "zelar pela saúde da criança, providenciar alimentação e repouso, cooperar com as crianças nas suas descobertas, observar cada criança, etc." Kishimoto (1988) destaca também que uma parte dos jardins de infância eram particulares e atendiam famílias de classes mais altas, produzindo uma noção de que era uma instituição de luxo e que foi criada apenas para atender aos desejos das classes altas.

Dessa forma, as diferentes visões da sociedade brasileira acabaram deturpando o sentido real dos jardins de infância, pensados inicialmente por Froebel², que foram se

² O conceito de Jardim de Infância foi criado por Friedrich Froebel, e a primeira dessas instituições educativas foi fundada por ele na Alemanha, no ano de 1840. Os jardins, também conhecidos como *kindergarten*, receberam esse nome a partir de uma metáfora utilizada por Froebel. "Assim, atribuiu-se à jardineira, a professora de educação infantil, e aos esforços conjuntos da escola e família, a tarefa de propiciar o desenvolvimento intelectual, físico, social e moral da criança [...], à semelhança de um jardineiro que cuida carinhosamente de suas plantas." (KISHIMOTO, 1988, p. 58). A concepção de Jardim de Infância foi sendo difundida em todo o mundo, e no Brasil, "principalmente a partir dos anos setenta, as ideias de Froebel começam a ser divulgadas por: Dr. Joaquim J. de Menezes Vieira, que cria o primeiro Jardim de Infância no Brasil (1875), e publica o Manual para os Jardins de Infância." (FROEBEL, 2001, p. 308). Entretanto, as primeiras instituições que atendiam crianças pequenas não eram especificamente de cunho educativo, e nem se sabia ao certo a função desses locais. A iniciativa privada começou a fornecer diferentes espaços para o cuidado dessas crianças, como as creches, as escolas maternas e os jardins de infância, que se organizavam para acolher e cuidar dos filhos de operários enquanto trabalhavam, para dar formação religiosa, e para deixarem as crianças brincarem. (KISHIMOTO, 1988).

desenvolvendo afastados dos seus objetivos educativos e formativos, criando divisões entre instituições que seriam para cuidar de crianças (como as creches, salas de asilo e algumas escolas maternas que atendiam crianças até três anos de idade) e as que seriam para educar os pequenos (pré-escola e algumas escolas maternas privadas, que aceitavam crianças maiores de três anos). (KRAMER, 1982).

No Brasil, a partir de 1920, "o campo educacional fica mais delimitado e a pedagogia passa a ser vista como arte e ciência" (KUHLMANN, 2005, p. 185). O Movimento Escolanovista, da década de 1930, também corrobora para a mudança de pensamento em relação ao atendimento educacional infantil, e as discussões acerca da educação das crianças pequenas ganharam ainda mais força no país impulsionadas por movimentos sociais e feministas. Assim, surgiu uma nova concepção social de que as crianças teriam "o papel de "salvar a nação", "formar o novo homem" e "regenerar o país"". (MACHADO, 2015, p. 54).

Nesse contexto, várias iniciativas e órgãos foram criados, visando abranger a educação das crianças pequenas, como o Ministério da Educação e Saúde, em 1937 e o Departamento Nacional da Criança, em 1940 (KRAMER, 1992; KUHLMANN, 2005). Além desses, no ano de 1956 foi criado o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE), a partir de um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos, visando investir e melhorar a educação brasileira. O programa tinha como objetivos:

Aperfeiçoar as técnicas dos professores brasileiros da Escola Normal, produzir ou aperfeiçoar os materiais didáticos para os treinamentos, distribuí-los e, ainda, selecionar os melhores professores para cursos de Educação Elementar nos Estados Unidos, em função de exigências econômicas e de acordos político-econômicos entre Brasil e Estados Unidos. (CASTRO; SILVA; MOURA, 2017, p. 467).

O Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar foi criado dentro de um conjunto de políticas públicas que visavam "superar um quadro nacional visto como atrasado e carente" (SANTOS, WASCHINEVSKI, 2021, p. 399). O Programa foi assinado em junho de 1956 e sua sede se localizava em Belo Horizonte, Minas Gerais. De acordo com Santos e Waschinevski (2021, p. 399), o PABAE buscava melhorar os índices educacionais brasileiros através da formação de professores, da publicação de materiais didáticos e do envio de professores brasileiros aos Estados Unidos, mantidos por bolsas.

Segundo Machado (2015), através de um desses cursos do PABAE, a professora Nazira Féres Abi-Sáber foi selecionada para estudar nos Estados Unidos por um ano, entre 1956 e 1957 até 1958, ficando encarregada do ensino pré-escolar, mesmo tendo pouca

experiência na área. Machado, (2015, p. 140) afirma que Nazira Abi-Sáber, "ao ser convocada para ir para os Estados Unidos, já tinha quase 40 anos de idade, atuava como professora de didática em [...] Manhuaçu, e que quando se inscreveu para participar do PABAEÉ pensava em melhorar sua carreira e aprimorar seus conhecimentos sobre currículo escolar". Além disso, não havia nem mesmo um departamento especializado nos estudos de educação pré-escolar, o que evidencia senão o descaso do olhar do Estado para com a instrução dos pequenos na época, mas o despreparo ainda de programas de governo sistematizados e centralizados. Apesar disso, Abi-Sáber se dedicou aos estudos e serviços e "tornou-se referência na educação pré-escolar em Belo Horizonte, trazendo muito do que havia aprendido e disseminando os conhecimentos através de cursos que passou a ministrar no PABAEÉ para as professoras pré-escolares, como ela mesma afirma" (MACHADO, 2015, p. 142). Machado (2015) ainda aponta, sobre Nazira Abi-Sáber, que:

Ligada diretamente ao PABAEÉ, nota-se que suas obras estiveram relacionadas intrinsecamente ao Programa, buscando trazer elementos que contribuíssem para os cursos de especialização de professores, pelos quais era responsável e dos quais Nazira Féres Abi-Sáber foi uma das instrutoras. (MACHADO, 2015, p. 163-164).

Nazira Abi-Sáber é mineira, de Manhuaçu, e nasceu em 07 de fevereiro de 1917. Ela começou cedo a atuar como professora, na década de 1930, mas ainda não se dedicava ao pré-escolar. A trajetória de Abi-Sáber é longa, durante a qual obteve muitas conquistas³. Depois de realizar o curso do PABAEÉ, a professora fundou um curso de artes, uma pré-escola, o Programa de Educação Pré-Escolar, e escreveu alguns livros. Segundo Machado (2015), foi Jean Piaget o autor que realmente embasou seu pensamento e norteou seu trabalho enquanto professora pré-escolar. A autora ainda afirma:

Nazira Féres Abi-Sáber é uma educadora pouco estudada, mas de grande importância para a educação pré-primária brasileira. Sua atuação profissional se deu no campo da educação pré-escolar, atuando principalmente como educadora do ensino pré-primário no Estado de Minas Gerais; sendo membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais; membro da Organização Mundial do Ensino Primário (OMEPE); Técnica de Didática de Educação Pré-Primária do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAEÉ); e Orientadora Geral das Classes Pré-primárias do Estado de Minas Gerais. Além desses títulos, a

³ Machado (2015, p. 152), afirma que Nazira Féres Abi-Sáber era "engajada tanto no ensino primário quanto infantil" e que "a educadora esteve imersa na formação de professoras e no zelo pelas instituições pré-escolares. Envolvida com as iniciativas dos órgãos públicos para a melhoria dessas escolas, a educadora mostrou-se atenta à realidade de seu Estado, assim como, no auge de seus 74 anos, teceu críticas tanto a sua atuação, produção quanto à educação pré-escolar brasileira".

autora fez o Curso de Educação Elementar da Universidade de Indiana – EUA. (MACHADO, 2015, p. 137).

Como foi exposto, a educação pré-escolar passou por uma fase de indefinição, pelos debates entre educação e assistencialismo, um dos motivos que levou Nazira Féres Abi-Sáber a escrever livros que auxiliassem as professoras e a sociedade a conhecerem mais sobre os jardins de infância, seus objetivos, e as práticas que deveriam ser conduzidas nesses espaços (MACHADO, 2015). Os livros que abordam esses conteúdos, chamados manuais de ensino, "são assim denominados por terem sido escritos a fim de desenvolverem os temas previstos para o ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos de instituições de formação docente, no caso, aquelas diretamente relacionadas com questões educacionais" (SILVA, 2003, p. 30). "Entre os anos 1940 e 1970, os manuais enfatizaram os métodos didáticos e privilegiaram a explicação de como planejar as aulas, ordenar os conteúdos, usar técnicas de ensino ou avaliar o rendimento dos alunos." (GARCIA, SILVA, 2019, p. 145).

Em 1963, sua primeira edição, Abi-Sáber, em parceria com o PABAEE, escreveu o livro *O que é o Jardim de Infância*, manual de ensino voltado para a instrução de professoras do jardim de infância. Entretanto, a edição da obra analisada neste trabalho é a terceira, do ano de 1965. Com 186 páginas, o manual apresenta tópicos variados sobre os jardins de infância, nos quais Abi-Sáber "procurou trazer planos, referências e exemplos de como as instituições pré-escolares deveriam se organizar e desempenhar sua função", que serviu como uma base para as instituições pré-escolares do Brasil. (MACHADO, 2015, p. 164). É nesta relação com o PABAEE que o livro se constitui e aqui se referencia o lugar de Nazira e de sua obra.

Voltando o olhar para a obra *O que é o Jardim de Infância* (1965), o presente trabalho busca responder à pergunta: que concepções de práticas e de educação pré-escolar são expostas pelos textos e imagens do livro de Nazira Abi-Sáber? Em uma primeira visualização da obra torna-se possível identificar que a autora utiliza imagens atreladas ao texto, como que para exemplificar o que é exposto. Abi-Sáber utiliza desenhos para representar situações, materiais, mobílias, brinquedos, crianças e outros aspectos, que podem ser interpretadas de maneira a corroborar com as noções de jardim de infância e seus objetivos na década de 1960. Apesar do livro ser, em sua maioria, composto por textos, as imagens presentes são de grande valor. Assim como apresentam Rubim e Oliveira (2010):

A linguagem imagética constitui para a história da educação, uma rica fonte para estudo, pois, essa linguagem figurativa pode ser descrita como testemunha de etapas

passadas do desenvolvimento do espírito humano, por meio do qual, nos é possível ler as estruturas de pensamento e representação em um universo histórico, social e cultural datado e peculiar. (RUBIM, OLIVEIRA, 2010, p. 12 e 13).

Além disso, as imagens do livro *O que é o Jardim de Infância* (1965) exemplificam o que é exposto pelas palavras de Nazira de forma lúdica. A elas, cabem diferentes interpretações. O porquê de terem sido feitas de tal forma, o que elas buscam representar e repassar ao leitor, o papel dos elementos em cada uma delas, por exemplo, devem ser interpretados, a fim de entendê-las. Como bem afirmam Rubim e Oliveira (2010), as imagens precisam ser analisadas em um conjunto, vistas além do que os olhos enxergam. O contexto social, o meio em que são veiculadas, a forma como são feitas devem fazer parte dessa análise. Dessa forma, ao ver uma imagem, "devemos perceber seus silêncios e decifrar seus códigos, visto que a mesma não reproduz a realidade, mas a reconstrói a partir de uma linguagem própria, que permite aprender e notar acontecimentos que por meio de outros meios não conseguiríamos perceber". (RUBIM, OLIVEIRA, 2010, p. 11).

Se nos atentarmos para o texto em si, relacionado ou não com as imagens, é possível identificar que Nazira Abi-Sáber (1965) tem uma escrita muito próxima de outros autores com obras semelhantes da mesma época⁴, que vê como ponto central do jardins “preparar a criança, dessa forma, acrescentar elementos que enriqueçam sua vivência e convivência e ainda, proporcionar experiências concretas e exploração do meio” (MACHADO, 2015, p. 257). E essa preparação das crianças está atrelada à prática das professoras, e por isso, a autora reforça: “é de suma importância que a professora faça planos minuciosos e com bastante cuidado antes do início das aulas” (ABI-SÁBER, 1963, p. 55). Sobre as preocupações na escrita de Nazira Abi-Sáber, Heloísa Marinho e Celine Nina, Machado (2015) explicita que:

As autoras apresentam-se mais centradas nos aspectos ligados às questões pedagógicas, preocupadas com o tipo de atividades, materiais e métodos de ensino empregados pelas professoras infantis. Salientaram, portanto, a necessidade de guiar a criança e acompanhar seu crescimento, assim como “um jardineiro o faz com suas plantas”, porém sem dispensar a atuação constante e direta com cada professora, agindo diretamente em suas dificuldades, ainda que respeitando o seu “livre desabrochar”. (MACHADO, 2015, p. 256).

⁴ Heloísa Marinho, Celine Airlie Nina, Odilon de Andrade Filho, que tiveram sua vida e obra investigadas por Machado (2015).

A partir da análise do livro aqui tomado como objeto de investigação⁵, da leitura do estudo de Machado (2015) e das problematizações realizadas neste trabalho, o objetivo central é compreender as relações entre as imagens e concepções para a educação de crianças pequenas nos Jardins de Infância na década de 1960 por meio da obra de Nazira Féres Abi-Sáber. Na busca dessa compreensão, os objetivos específicos são: (1) buscar as concepções sobre a pré-escola na década de 1960; (2) entender as relações do manual com a formação de professoras para o ensino pré-primário; e (3) compreender as condições materiais e do ambiente do Jardim de Infância propostas no livro.

Para que esses objetivos sejam alcançados, a pesquisa mergulha e age considerando as teorias e metodologias da Nova História Cultural, trabalhando com outras fontes além do manual de ensino – como jornais e revistas da década de 1960 – que, como explicitam Lopes e Galvão (2005, p. 87): “utilizados há mais tempo, e gozando de maior prestígio na pesquisa historiográfica, estão os jornais e revistas”. Os historiadores têm se atentado, “sobretudo, para os impressos que, pertencendo a esses gêneros, circulavam especificamente junto a um público escolar” (LOPES, GALVÃO, 2005, p. 87). O livro *O que é o Jardim de Infância* (1965) comparece como fonte primária que, no tratamento do método histórico, junto com as fontes secundárias, são associadas e relacionadas considerando sempre o problema construído. Isso porque, “o ponto de partida não é, desse modo, a pesquisa de um documento, mas a colocação de um questionamento” (LOPES, GALVÃO, 2005, p. 91). “Mesmo quando a ideia de um tema vem de uma descoberta arquivística” – como a notícia sobre a pré-escola que se remetia ao livro de Nazira (O FLUMINENSE, 27/11/1965, p. 5) – “somente quando um historiador faz perguntas se inicia a produção da História. O documento em si não é História, não faz História”. (LOPES, GALVÃO, 2005, p. 91).

O escopo central, considerando o recorte da década de 1960 devido às duas edições do referido livro que foram aqui tomadas⁶, se volta para as práticas possíveis de serem identificadas por meio do que escreveu Nazira Abi-Sáber para as professoras em seu livro e o que elencou como imagem pertinente de representação do que estava proposto. O caminho da pesquisa contempla o levantamento bibliográfico, com o intuito de identificar o que tem sido apresentado em estudos científicos sobre Nazira Abi-Sáber e sua obra. Dessa forma, o diálogo

⁵ Dividido pelos seguintes temas: Os objetivos do Moderno Jardim de Infância; As Condições Materiais; As Atividades Iniciais; O Ambiente; A Matrícula; Número de alunos em cada Sala de Aula; O Começo das Aulas, Um dia no Jardim de Infância; Relatórios, Boletins e fichas de Avaliação; Bibliografia; O que é o PABAE. (ABI-SÁBER, 1965).

⁶ Durante a pesquisa foi possível localizar uma versão digitalizada do livro, de 1963, no Repositório Institucional da UFSC e a outra, de 1965, foi adquirida pela pesquisadora em uma livraria virtual.

maior aqui se faz com Machado (2015), visto que a autora também pesquisou sobre Nazira Abi-Sáber e suas contribuições para a pré-escola. O estudo feito por Castro, Lima e Moura (2018), que apresenta discussões sobre os jardins de infância a partir das ideias de Abi-Sáber também é base para as interpretações aqui construídas. Para além da pesquisa bibliográfica, foram feitas buscas na Hemeroteca Digital por meio das palavras-chave: "*Nazira Féres*" e "*Jardim de Infância*", a fim de mapear a divulgação das ideias de Abi-Sáber e compreender quais as concepções de pré-escola circulavam nos jornais e revistas da década de 1960. Esse movimento de adentrar os arquivos se faz necessário, visto que esses não são compostos simplesmente de documentos físicos, mas se constituem em uma forma epistêmica, em "um dos lugares mais significativos para o reavivamento das memórias dos grupos que as produzem". (ANJOS, 2018, p. 284).

Como ressalta Machado (2015), há poucas informações disponíveis sobre Nazira Abi-Sáber, suas obras, e fontes bibliográficas sobre eles. Assim, além da motivação e das qualidades do pesquisador, "é também muito importante o papel desempenhado pelos recursos de que dispõe o pesquisador no desenvolvimento e na qualidade dos resultados da pesquisa" (GIL, 2002, p. 18). Portanto, o movimento de dialogar com as bases teóricas, com as fontes de jornais e revistas da década de 1960 foi essencial para a constituição deste trabalho.

Em relação à estrutura, este trabalho é composto por dois capítulos. O primeiro, *Demarcando uma concepção de Jardim de Infância: o olhar para o Brasil*, apresenta as propostas de Nazira Abi-Sáber para uma educação pré-escolar, cotejando-a com estudos que demonstram a configuração da pré-escola na década de 1960, no Brasil, e apontando o que se entende por manuais pedagógicos e a ação de Nazira no campo da educação das crianças pequenas. No segundo, *Atividades exemplificadas, professoras preparadas: materialidade, expressão e ludicidade*, o foco se volta para a relação entre o escrito e o representado por imagens na proposição de atividades pelas professoras, com uma discussão sobre espaços, mobílias e objetos, bem como do modo como apresenta-se na obra a questão da ludicidade.

1. DEMARCANDO UMA CONCEPÇÃO DE JARDIM DE INFÂNCIA: O OLHAR PARA O BRASIL

Neste capítulo são abordadas as concepções sobre criança, infância e a educação destinada a essa fase da vida, traçando uma breve linha do tempo com as transformações desses conceitos. Discutir o papel social das crianças pequenas e os recursos educativos voltados para elas se faz necessário para entender também o desenvolvimento das instituições pré-escolares, seus objetivos e ideais ao longo dos anos. É interessante ressaltar que parte da história da infância coaduna com o desenvolvimento da educação destinada a ela. À medida que surgem novos ideais de infância e criança, há também um movimento de busca por locais, profissionais e perspectivas adequadas para o cuidado com a criança pequena. Dessa forma, este estudo entra em diálogo com a história da educação, abordando autores como Campos (2012), Kishimoto (1988), Kramer (1982), Kuhlmann Jr. (1991; 2000) e Rosemberg (2002), que auxiliam na compreensão desses conceitos.

Esta parte da monografia também analisa as contribuições de Nazira Féres Abi-Sáber para a criação de um ideal de jardim de infância, através do manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965). Para tanto, apresenta-se o conceito de manual e a contribuição desse documento para a história da educação, que dialogam com o estudo de Machado (2015). Dessa forma, ao entropor as bases teóricas sobre a infância e a análise do manual de Abi-Sáber, foi possível expor as concepções de Jardim de Infância presente na sociedade brasileira na década de 1960, quando o livro foi publicado. Para isso, este capítulo apresenta um tópico dedicado à compreensão da infância e dos manuais de ensino voltados para ela, nomeado de "Infância, manuais e educação da criança no Brasil: um diálogo com os estudos da área" e outro que se refere às ideias de Abi-Sáber sobre os jardins de infância, intitulado "A concepção de Jardim de Infância segundo o manual *O que é o Jardim de Infância* (1965)".

1.1. Infância, manuais e educação da criança no Brasil: um diálogo com os estudos da área

A infância deve ser entendida como um conceito social, que vem sendo construído ao longo da história. "Neste período da vida, meninos e meninas são considerados sujeitos históricos e de direitos, o que constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por elas vivenciadas [...]" (GOBBI, 2010, p. 1). Esse entendimento da infância é recente, porque até o século XIX a criança não tinha seus direitos e necessidades específicas

garantidas. Antigamente, ela se tornava adulta aos 7 anos de idade (KUHLMANN, FERNANDES, 2012), o que desencadeava na falta de políticas destinadas a esse período da vida. Assim:

A análise da produção existente sobre a história da infância permite afirmar que a preocupação com a criança encontra-se presente somente a partir do século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo. No entanto, mesmo a infância constituindo-se em um problema social desde o século XIX, ainda não foi suficiente para torná-la um problema de investigação científica. Estudos apontam que até o início da década de sessenta a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa (ARIÈS, 1973, apud NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008, p. 5).

Entretanto, a história da infância não mudou repentinamente a partir do século XIX. Kuhlmann e Fernandes (2012) alertam para o equívoco de tentar analisar a história como:

[...] uma sucessão de passes de mágica, em que se transitaria da indiferença em relação à infância para a capacidade de identificar e compreender esse período da vida, como uma transformação em que se passaria da água ao vinho. Da mesma forma, no que se refere à história da educação infantil, fantasiou-se a transição de um momento em que esta seria “assistencial” para depois ser alçada à categoria de “educacional”. (KUHLMANN; FERNANDES, 2012 p. 21).

A história da educação infantil deve ser analisada no bojo de transformações sociais, políticas e econômicas que se sucederam ao longo dos anos, impactando na forma como era pensada a criança e as formas de educá-la. Assim, "na medida em que ela [a educação infantil] se expandiu e assumiu um espaço mais significativo na sociedade [...], também foi transformada em objeto desse tratamento de cunho mais tecnocrático por parte de quem toma decisões na gestão pública" (CAMPOS, 2012, p. 17). Ao falar sobre Kuhlmann Jr (2001), Andrade aponta que a pré-escola surgiu a partir de interesses de diferentes setores sociais, sendo que a educação não era o objetivo principal desse espaço. Segundo a autora:

As instituições de educação infantil surgiram da articulação de interesses jurídicos, empresariais, políticos, médicos, pedagógicos e religiosos, o que determinou três distintas influências na história das instituições infantis, ou seja, a jurídico-policia, a médico-higienista e a religiosa. (ANDRADE, 2010, p. 129).

Paschoal e Machado (2009, p. 82), afirmam que o que chamou atenção desses setores para um "espaço de cuidados da criança fora do âmbito familiar" foram "fatores como o alto índice de mortalidade infantil, a desnutrição generalizada e o número significativo de acidentes domésticos". Porém, é necessário apontar que, mesmo não sendo o foco nos

cuidados com a criança, a educação se fez presente nessas instituições, seja através do ensinamento de hábitos de higiene, da religiosidade, da moral ou outros.

Do início do século XX até 1930, a educação pré-escolar era voltada, em sua maioria, para uma perspectiva higienista e de assistência à infância. Dessa forma, "propunha-se o atendimento por entidades assistencialistas, considerando o direito à infância não como um direito do trabalhador mas como uma dádiva dos filantropos" (KUHLMANN, 1991, p. 20). Essa corrente enxergava a pré-escola como uma forma de combater doenças e evitar a mortalidade infantil, tornando a educação dos pequenos assunto médico e de instituições filantrópicas, mas ainda não discutida por educadores. Assim como aponta Kishimoto (1988), os primeiros jardins de infância brasileiros foram fundados e mantidos pela iniciativa privada, o que retirava do Estado a necessidade de sustentar instituições como essas. Dessa forma, a pré-escola se desenvolveu com objetivos distantes da pedagogia e sem respaldo estatal, voltada para fatores de "ordem sanitária e alimentar", "fatores relacionados à assistência social", além de ter tido influência dos campos da psicologia e da antropologia. (KRAMER, 1982, p. 55).

Segundo Machado (2015), no ano de 1922, sob influência dos Estados Unidos e os moldes educacionais do país, o entendimento que havia sobre a educação dos pequenos começou a mudar. A criação de órgãos, instituições e grupos destinados aos cuidados com a infância emergiram a partir da década de 1930, como é o caso da Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância, do Ministério da Educação e Saúde, do Departamento Nacional da Criança (DNCr) e outros, demonstrando o maior interesse da sociedade nas crianças (KUHLMANN, 2000). Segundo o autor, nessa mesma década, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova também influencia na transformação do ideal da criança pequena, corroborando para um desenvolvimento lento da educação infantil, "parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional" (KUHLMANN, 2000, p. 8). De acordo com Nascimento:

Somente com a chegada do período conhecido como Estado Novo (1937- 1945), o governo assume oficialmente as responsabilidades na esfera do atendimento infantil, sendo criado o Ministério da Educação e Saúde. Porém, as propostas do Estado de modo geral para atendimento à infância estavam baseadas no estabelecimento de convênios com entidades filantrópicas e particulares, [...] afastando-se, desse modo, da criação e gerenciamento direto de tais instituições e, principalmente, transferindo para a sociedade civil uma responsabilidade inquestionavelmente estatal. (NASCIMENTO, 2015, p. 17747).

Machado (2015) aponta que a partir dos anos 1960, as grandes mudanças no Brasil, com os planos desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek e a presidência de Jânio Quadros influenciaram na organização educacional do país. A preocupação com um espaço adequado para a educação de crianças pequenas foi se tornando mais incisiva na população brasileira. Segundo Rosemberg (2002), à medida que aumentava a inserção de mulheres no mercado de trabalho, avançava também a necessidade de discutir e criar locais destinados ao cuidado com seus filhos e de formar pessoas qualificadas que se responsabilizassem por essa tarefa tão importante.

Entretanto, não só a demanda feminina foi responsável pela expansão da educação infantil, mas ela "também encontra sua razão de ser em uma nova concepção de infância" que surgia em meados do século XX (ROSEMBERG, 2002, p. 2). A partir da "institucionalização da escola é que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, por meio da escolarização das crianças. Podemos então, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, mencionar uma construção social da infância" (CORSARO, 2003, apud NASCIMENTO, BRANCHER, OLIVEIRA, 2008, p. 9). Além disso, Machado (2015, p. 78) também chama atenção para o fato de que "os avanços científicos e a nova estruturação familiar pareciam ser os maiores motivos que levavam a preocupação com a infância. A nova reestruturação moderna trouxe preocupações adjacentes à educação dos pequenos exigindo novas obrigações". Outro fator que impulsionou o desenvolvimento dessas instituições, segundo Rosemberg (2002) foi a busca por espaços de socialização, para que as crianças pudessem ter mais contato com seus pares e não somente com seus pais. Por muito tempo, a educação da criança pequena foi vista como papel unicamente da mãe e da família, o que não permitia que os pequenos explorassem tanto a sociabilidade. A legislação brasileira também acompanhou essa nova mentalidade, sendo promulgada a LDB, no ano de 1961. Dessa forma:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4.024 de 1961 estabelecia em seus artigos 23 e 24 que as crianças com idade inferior a 7 anos receberiam educação em escolas maternas ou jardins-de-infância, estimulando-se as empresas a manter instituições do gênero para os filhos de suas trabalhadoras. (KUHLMANN, 2000, p. 486).

Kramer (1982, p. 56) também explicita a procura por uma educação que compensasse a "privação cultural" entre os pequenos como aspecto importante para o desenvolvimento das instituições pré-escolares. A década de 1960 foi marcada pelo crescimento de espaços compensatórios, que enxergavam a pré-escola como um meio para diminuir as diferenças sociais entre as crianças pobres e ricas, que frequentariam os mesmos espaços educativos, e logo, teriam a mesma base formativa. Por isso, a base da educação, feita com as crianças

pequenas, deveria superar "a existência das carências culturais determinadas pelo meio sócio-cultural". (KRAMER, 1982, p. 56).

Uma outra concepção que predominava acerca dos jardins de infância nos anos 1960 era o do ensino preparatório. As altas taxas de evasão e reprovação no ensino primário contribuíram para que a pré-escola, como o próprio nome demonstra, fosse uma forma de preparar a criança para o ensino formal. Esses índices negativos, segundo Abi-Sáber (1965), poderiam ser revertidos com uma instrução adequada para as crianças pequenas antes de iniciarem o ensino primário. Isso é reforçado pelo fato de que o próprio PABAEE "tinha como objetivo melhorar os índices educacionais da época, como o abandono escolar e a repetência." (SANTOS, WASCHINEVSKI, 2021, p. 399).

Assim, percebe-se que a educação infantil ao longo do século XX foi instituída seguindo diferentes preceitos, sem um consenso sobre sua importância e seu papel. De acordo com Kishimoto (1988, p. 58), "desde a instalação do primeiro jardim de infância no Brasil, em 1875, discute-se a importância dessa modalidade escolar para o público infantil." Entretanto, a autora também afirma que o desconhecimento sobre os objetivos e funções da pré-escola, fez com que essas instituições fossem associadas a diferentes concepções.

Segundo Abi-Saber (1965, p. 16), mesmo sendo um "dos aspectos mais importantes da formação geral do indivíduo", os jardins de infância não recebiam a devida atenção do Estado ou da sociedade na década de 1960, visto que essa instituição "terá seus marcos de consolidação nas definições da Constituição de 1988 e na tardia Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996." (KUHLMANN JR, 2005, p. 6). De acordo com Rosemberg (2002, p. 15), no século XX, "os debates em torno dos novos direitos da criança e do adolescente colocaram na roda velhos e novos discursos sobre a infância e ampliaram sua adesão", contribuindo para a concepção de criança, infância e pré-escola que se conhece hoje.

Devido a essa diversidade de concepções acerca da infância e da educação pré-escolar no século passado, os manuais de ensino desempenharam papel essencial ao explicitar questões diversas sobre essas instituições, o trabalho realizado nelas e a importância dele para o desenvolvimento infantil. O manual pedagógico pode ser definido como:

Um tipo de livro utilizado para a condução do processo de ensino no âmbito dos cursos de formação de professores (escolas normais, institutos de educação e/ou faculdades de filosofia) visando à formação e ao aperfeiçoamento das atividades docentes. Portanto, são livros que ensinam a ensinar ou que contêm os saberes necessários, e, por vezes, as práticas também, de uma determinada disciplina necessária à formação do futuro professor. (KULESZA, 2014, p. 334 *apud* TREVISAN, 2011, p. 31).

Os manuais pedagógicos receberam esse nome "por terem sido escritos a fim de desenvolverem os temas previstos para o ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos de instituições de formação docente [...]", cujos objetivos eram "tratar de maneira sucinta e acessível o que há de “essencial” em termos de educação" (SILVA, 2003, p. 30). Atualmente, o manual assume novas funções e perspectivas, ao entrar em contato com pesquisadores que buscam entender a história da educação e a forma como esses documentos se constituíram e impactaram o ensino ao longo dos anos. Esses textos, ao demonstrarem o papel do professor, a rotina da escola, as características dos estudantes, os materiais usados e tantos outros aspectos escolares, ao serem analisados nos dias de hoje, revelam algumas das concepções de educação de uma época e, possivelmente, como ela acontecia. Assim, os manuais "[...] também têm sido objeto de estudo para pesquisadores interessados em compreender os processos históricos relativos à formação desses professores, tomando os manuais como fontes para a pesquisa histórica". (GARCIA, SILVA, 2019, p. 139).

Segundo Magalhães (2006, p. 8), os manuais escolares têm sido fonte importante para a história da educação, cujos estudos estão crescendo cada vez mais, visto que, "sendo o manual objecto de normalização pedagógico-didáctica e de regulação política, os aspectos ideológicos têm sido recorrentemente estudados. Também a história das disciplinas escolares tem sido elaborada tomando os manuais escolares como principal fonte". Depreende-se, assim, a importância dos manuais para o campo da educação, visto que a análise desses materiais pode ser fundamental para compreender diversos aspectos referentes à escola, em diferentes tempos. Como aponta Carli (2013):

A partir dos documentos históricos pode-se desvendar parte do passado, pois em sua essência é possível identificar impressões do período em que foram produzidos, mesmo que da forma mais subjetiva possível, tornando os acontecimentos imortais aos olhos dos que analisam esses fragmentos. Porém, o documento torna-se histórico diante dos argumentos ou da pergunta que é feita pelo historiador/pesquisador, do significado e da interpretação que lhe é atribuído. (CARLI, 2013, p. 189).

Visto que os manuais apresentam diferentes abordagens ao longo dos anos, como demonstra Silva (2007), se faz necessário focar na análise de um deles, o manual *O que é o Jardim de Infância* (1965), voltado para as professoras que trabalhavam no pré-escolar ou pré-primário. Assim, para entender sobre as ideias divulgadas nesta obra, deve-se olhar para o contexto social, político e econômico da época em que foi publicado. As décadas de 1950 e 1960, como apontam Santos e Waschinevski (2021), foram de intensa industrialização e

modernização no Brasil, fenômenos que refletiram mudanças em diversos setores do país, como na educação. A criação de órgãos, ministérios e campanhas são exemplos desse desenvolvimento, como é o caso do PABAE. Formado a partir de um acordo entre Brasil e Estados Unidos no ano de 1956, o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar, que era voltado para "o aperfeiçoamento dos profissionais brasileiros, [...] tinha como objetivo melhorar os índices educacionais da época, como o abandono escolar e a repetência." (SANTOS; WASCHINEVSKI, 2021, p. 399). Dentro desse objetivo, o Programa era responsável por publicar materiais didáticos para escolas, e um deles:

Construídos especialmente para as professoras utilizarem na preparação de suas aulas, foi a Coleção "Biblioteca de Orientação da Professora Primária" [...], composta por sete volumes, cada um voltado para uma área formação, sendo eles: "Ver, sentir, descobrir a Aritmética"; "Experiências de Linguagem Oral"; "Formação e desenvolvimento de conceitos"; "O que é Jardim de Infância"; "Testes, medidas e avaliação"; "Ciências na Escola Moderna" e "Habilidades de Estudos Sociais". (SANTOS, WASCHINEVSKI, 2021, p. 400).

Um desses livros publicados pelo PABAE, o manual *O que é o Jardim de Infância* (1965), foi escrito por Nazira Féres Abi-Sáber, que também era pesquisadora e professora da educação infantil. A obra é um manual de práticas de ensino para a professora do pré-escolar, que objetivava esclarecer aspectos gerais sobre o jardim de infância para as professoras dessas instituições e para as que ainda estavam em formação. Parte da coleção da *Biblioteca de Orientação da Professora Primária*, o manual foi publicado em 1963, pela editora Nacional de Direito, buscando "refletir sobre os problemas básicos acerca do trabalho das professoras no jardim de infância, [...], em suma, trata da necessidade de equipar os jardins de infância a fim de apresentar uma estrutura compatível com a proposta da escola moderna". (WASCHINEVSKI, RABELO, 2018, p. 307).

Nazira Féres Abi-Sáber permite a compreensão do "movimento das ideias pedagógicas presentes em seu período, possibilitando o desvelamento do que foi pensando e proposto para a criança pequena após a entrada mais incisiva dos preceitos da Educação Nova no Brasil [...]" (MACHADO, 2015, p. 181). Além disso, através do seu livro *O que é o Jardim de Infância* (1965), Abi-Sáber propôs ideias de ações e de mudanças no Jardim de Infância "tanto para quem irá trabalhar diretamente com as crianças pequenas, quanto ao que se refere à estruturação, organização, materiais e métodos para as instituições pré-escolares, ao mesmo tempo em que se referem à discussão sobre o desenvolvimento da criança" (MACHADO, 2015, p. 183). A autora buscou também "apresentar características e funcionalidades para as

instituições pré-escolares, com o intuito de demonstrar sua importância e finalidade para impulsionar o desenvolvimento natural da criança". (MACHADO, 2015, p. 183).

Machado (2015) apresenta um trecho da entrevista de Nazira Abi-Sáber para Livia Maria Fraga Vieira (1991), em que a autora diz que não gosta de alguns dos livros que escreveu. "Eles não têm fundamentação teórica, mas numa época em que não havia nada, eles valeram para a professora entrar na sala e não ficar perdida e saber fazer algumas coisinhas com as crianças." (MACHADO, 2015, p. 144). É interessante visualizar essa percepção de Nazira sobre seu próprio trabalho na época, visto que no mesmo período outros livros semelhantes circularam. No jornal *Correio da Manhã* (RJ) há menção de que "a problemática educacional vem merecendo uma melhor atenção das editoras, e não se restringe a apenas a publicação de grande interesse para os especialistas e educadores", e que "entre as publicações mais recentes destacamos os seguintes livros: *Como estudar a criança*, de Millie Almy e Ruth Cunningham (...)" (CORREIO DA MANHÃ, 27/09/1964, p. 24). No mesmo mês, em outro jornal, o leitor encontrava a notícia de que o livro "Como estudar a criança – [é] escrito de maneira interessante e agradável, descreve diversos métodos usados pelos professores para colher dados sobre o comportamento de uma criança quanto ao seu modo de pensar, sentir, etc." (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/09/1964, p. 3). E, por fim, em outro jornal também carioca, o destaque da especificidade da referida obra e do seu público de destino: "Como estudar a criança, por Millie Almy – este livro constitui um manual especialmente destinado a professores (...)" (O JORNAL, 30/08/1964, p. 2).

Os jornais apontam outro manual contemporâneo ao de Nazira em circulação, como também é possível percorrer a investigação de outros que são indicados como referência ao final das duas obras agora aqui indicadas e que talvez tenham circulado. O que pode ser feito em futuras pesquisas.

Atualmente, os livros de Nazira podem ser usados como referência para estudos da educação infantil, especialmente o manual *O que é o Jardim de Infância* (1965), foco deste trabalho. Nessa obra, a autora possibilita o entendimento da concepção de jardim de infância que circulava na década de 1960, através do esclarecimento dos objetivos do Jardim, os recursos materiais adequados para ele, as atividades realizadas nessas instituições e outros. Portanto, a seguir são explicitadas as noções de Jardim de Infância na perspectiva de Abi-Sáber.

1.2. A concepção de Jardim de Infância segundo o manual *O que é o Jardim de Infância* (1965)

Abi-Sáber escreveu algumas obras direcionadas para o ensino pré-primário, nas quais aborda objetivos, funcionalidades e concepções dessas instituições, dedicando-se:

Ao estudo do desenvolvimento da criança, por meio da análise de seu comportamento, afirmando que o Jardim de Infância tem como tarefa central constituir-se como um período preparatório para a aprendizagem da criança, assim como, tem a função de levá-la a “viver e a conviver com os outros, ajustar-se ao seu ambiente, a desenvolver a imaginação e o espírito criador, a ser, tanto quanto possível, ela mesma. O outro objetivo seria a preparação para a aprendizagem que se dará no curso primário.” (ABI-SABER, 1968, p. 4 apud MACHADO; ARCE, 2013, p. 10 e 11).

Este objetivo da pré-escola, de servir como preparatório para o ensino primário, é exposto por Abi-Sáber logo nas primeiras páginas do manual, o que evidencia a importância dessa função. As taxas de evasão e reprovação na escola brasileira, na década de 1960, representavam uma grande preocupação, já que algumas crianças chegaram a repetir a primeira série até 6 vezes (ABI-SÁBER, 1965). Como aponta Bastos (2017, p. 74), "na década de 1950 e 1960, esta preocupação decorre dos baixos índices de alfabetização na educação primária, sendo a educação pré-primária entendida como educação compensatória, para adaptar as crianças às exigências do próximo nível de escolarização."

Assim, visto que os resultados das escolas eram negativos e o analfabetismo no Brasil crescia, surgia também a necessidade de se pensar alternativas para esse cenário. De acordo com uma pesquisa realizada em 1952 no Brasil (ABI-SÁBER, 1965), as crianças que frequentaram o jardim de infância tiveram melhor desempenho no ensino primário do que as que não tiveram. Segundo a autora, é nesse contexto que a pré-escola se mostra essencial. Para ela, "o remédio para uma situação como essa só poderá ser o preparo adequado da criança para que ela alcance um nível apropriado de maturidade antes de iniciar-se na aprendizagem acadêmica e sistemática do curso primário" (ABI-SÁBER, 1965, p. 19). Abi-Sáber acreditava que essa preparação deveria ocorrer por meio de "exercícios específicos, atividades físicas e intelectuais, aquisição de experiências sociais e ajuste emocional" (1965, p. 22).

Apesar da ênfase da autora na função preparatória dos jardins de infância, para ela, o objetivo principal dessas instituições "é antes a vida em todos os seus múltiplos aspectos e feições. No Jardim, a criança não vai para aprender, para adquirir conhecimentos acadêmicos, mas, ao contrário, vai para se desenvolver, adquirir experiências, amadurecer, viver e conviver com seus semelhantes" (ABI-SÁBER, 1965, p. 23). A autora frisa a importância dos jardins

para a sociabilidade e para o desenvolvimento de cidadãos, aspectos também abordados por Rosenberg (2002), ao afirmar que os pais procuravam instituições pré-escolares para que os pequenos tivessem contato com seus pares.

É possível identificar, nas ideias de Abi-Sáber, um veio do assistencialismo e do caráter médico na educação. Segundo ela, deveria haver um médico nos jardins de infância à disposição das crianças. Além disso, a autora acredita que os testes mentais e de aptidão são necessários para a avaliação das crianças, como os testes de Goodnough e testes A.B.C (ABI-SÁBER, 1965, p. 156).

Uma das concepções de jardim de infância de Abi-Sáber (1965), e que rege praticamente todo o manual da autora, é a noção de que a criança deve ser cuidada e valorizada como um indivíduo completo, estando a pré-escola à sua disposição em todos os seus aspectos, não só em questões educacionais. De acordo com ela, as crianças chegam no jardim curiosas e animadas, e devem ter suas expectativas supridas, recebendo "o máximo cuidado e atenção" (ABI-SÁBER, 1965, p. 95). A autora se preocupa com a adaptação das crianças, com a socialização e com o bem-estar delas, propondo atividades para que elas consigam atingir esses objetivos. Além disso, ela propõe metas para os pequenos a cada dia da primeira semana de aula, demonstrando a importância da paciência e da rotina, sempre valorizando o ritmo deles e as características de cada um. (ABI-SÁBER, 1965, p. 104). A preocupação com o estado emocional das crianças também é evidente, visto que a autora acredita em um Jardim de Infância como espaço de acolhimento, convívio e oportunidades para as crianças alcançarem habilidades e se desenvolverem da melhor forma possível. Um ambiente seguro, estimulante e afetuoso para a criança, onde ela teria oportunidades de aprender, pensar, se expressar, respeitar, ser respeitada e ser feliz era essencial para a autora.

Abi-Sáber acredita que a pré-escola era insubstituível para a formação integral dos pequenos e que "começar mais cedo e melhor a educação da criança resulta em economia de tempo, energia e dinheiro, além de prevenir desajustes e distúrbios de ordem afetivo-emocional" (ABI-SÁBER, 1965, p. 24). A autora também aponta que, para colocar esse ensino em prática, sua base deve ser a própria criança, que é "ponto de partida – e ponto de chegada -, sujeito participante das tomadas de decisões na escola, favorecendo a possibilidade de uma educação humanizadora" (CASTRO, LIMA, MOURA, 2018, p. 178). Assim, os jardins deveriam formar o indivíduo com "boas atitudes", a partir dos seus interesses, visto que as crianças, desde muito pequenas, já manifestam seus desejos. (ABI-SÁBER, 1965, p. 25). De acordo com Gobbi (2010), os desejos dos pequenos são também manifestados através de diferentes linguagens, como por meio de desenhos e

brincadeiras, os quais são valorizados no Jardim de Infância de Abi-Sáber, como mostram as imagens abaixo.

Imagem 1: Crianças pintando nuvens



Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 25)

Imagem 2: Crianças brincando livremente



Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 66)

Denominado de "Moderno Jardim da Infância" por Abi-Sáber (1965, p. 24), essa instituição deveria proporcionar experiências de liberdade e criatividade para a criança, sendo a memorização, a repetição e a cópia condenadas pela autora. Ela acreditava numa educação libertadora, que estimule "neles o trabalho da imaginação e do poder inventivo" (ABI-SÁBER, 1965, p. 28), na qual as crianças precisam de tempo para realizar cada

atividade e tempo para ficarem livres, visto que não funcionam "ao toque de sinetas [...] como se fossem soldados" (1965, p. 104). Em consonância com essas ideias, a autora aponta que as excursões com os pequenos são "os melhores meios de satisfazer a natural curiosidade das crianças e levá-las a investigar, observar, descobrir e experimentar". (ABI-SÁBER, 1965, p. 104).

Ainda de acordo com Abi-Sáber, "outro plano que julgamos o mais importante de todos e que decide do êxito do trabalho no Jardim, é a liberdade e espontaneidade da criança na execução das atividades inventivas e criadoras" (ABI-SÁBER, 1965, p. 118). A autora entende que as artes, como leitura, atividades com música, teatro e outras são fundamentais para o desenvolvimento da criança e de sua personalidade. Além disso, atividades em grupo e realizadas em temas ou unidades são prezadas pela autora na organização do jardim. Segundo ela, as crianças podem realizar várias atividades em um mesmo dia, com destaque para as que são de investigação, respeitando o tempo de descanso.

Para que a realização dessas atividades fosse possível, Abi-Sáber acreditava que a rotina, o planejamento e a avaliação nos jardins de infância eram essenciais para o bom funcionamento delas, mesmo que a flexibilidade em relação a horários e ações sejam necessárias com crianças pequenas. Assim, a autora sugere algumas ideias de atividades para o dia a dia na pré-escola, cujo planejamento pode ser feito até mesmo pelas crianças. Para as avaliações, a autora sugere que sejam guardadas as atividades feitas pelas crianças, a fim de criar um registro geral sobre elas, no qual "podem ser incluídos também, alguns testes de prontidão que tenham sido aplicados na criança" (ABI-SÁBER, 1965, p. 149). Para que esse portfólio e todo o trabalho na pré-escola seja feito da melhor forma possível, Abi-Sáber considerava que devia haver uma integração com a família. Segundo ela, "a escola precisa fazer uma busca sistemática e constante de informações, indo à procura das famílias, visitando-as em seus próprios lares e estabelecendo contatos íntimos, através de entrevistas, conversas e observações cautelosas." (ABI-SÁBER, 1965, p. 150). Essa concepção da autora permite um entendimento sobre a atenção e o cuidado que prezava nos jardins de infância. Abi-Sáber (1965) enfatiza que o trabalho com as crianças não pode ser feito somente nas salas de aula, mas é preciso compreender cada uma como um todo. É necessário também chamar atenção para o fato de que:

Embora Abi-Saber (1963), na década de 1960, nomeasse as salas de turmas de crianças da Educação Infantil como "salas de aulas", argumentamos que não se trata de espaços em que se deem aulas, mas lugares para situações, relações e

envolvimentos diversos direcionados às aprendizagens e ao pleno desenvolvimento infantil. Com essa defesa, Lima (2005) concebe a sala onde um grupo de crianças pequenas realizam a maior parte das atividades como “sala de referência da turma”. Não se trata, assim, de uma sala em que as crianças têm aulas, nem o único espaço para aprender e tampouco o lugar mais importante para elas na escola, considerando o valor dos diferentes espaços escolares para os relacionamentos da criança com o mundo de pessoas e objetos da cultura. (CASTRO, LIMA MOURA, 2018, p. 180 -181).

Sempre priorizando a independência infantil, uma das perspectivas da autora sobre os jardins de infância é que a função pedagógica pode estar presente até nas mais simples atividades, que requerem constância e rotina (ABI-SÁBER, 1965). Segundo a autora, na chamada da turma, pode-se instigar a contagem, a separação por grupos (meninos e meninas), reconhecimento do nome, entre outros. Segundo Abi-Sáber, uma atividade diária que também pode ser feita nos jardins é a análise do calendário, na qual as crianças podem aprender os dias, meses, os aniversariantes e também as condições climáticas. Ela ainda sugere a designação dos ajudantes do dia, sendo cada criança responsável por uma tarefa. Para a autora, "dar tarefas diferentes aos alunos mais amadurecidos e mais responsáveis" serve de exemplo aos demais. (ABI-SÁBER, 1965, p. 118). Além disso, a independência e a organização são valorizadas pela autora no jardim de infância, visto que os pequenos devem aprender a fazer tarefas sozinhos, como as refeições, a limpeza da sala e o uso dos banheiros.

Abi-Sáber (1965) ainda demonstra outra concepção de Jardim de Infância, relacionada aos preceitos cristãos. Para ela, o jardim deve cuidar física e mentalmente das crianças, com foco na "educação emocional, social e espiritual", seguindo as normas do cristianismo (ABI-SÁBER, 1965, p. 75). A autora também sugere para a rotina das crianças, atividades de catecismo e algumas orações, formando "um ambiente de amor a Deus e de vida espiritual" (ABI-SÁBER, 1965, p. 109). Pode-se perceber essa presença cristã também na ficha de matrícula do jardim apresentado pela autora, na qual, sobre o ambiente físico da criança, consta o item "ela recebe instrução religiosa?" (ABI-SÁBER, 1965, p. 85). De acordo com Campos (2012):

Faz pouco mais de 200 anos que a pedagogia começou a se libertar dessa herança religiosa, sendo a Revolução Francesa um marco dessa ruptura. Como sugere Dubet (2011), o advento da república e da escola pública laica substituiu a ideologia religiosa pela ideologia republicana, mas pouco modificou as práticas escolares tradicionais. A história mostrou que para que uma renovação dessas práticas acontecesse, seria preciso não só uma forte influência das novas ciências – a psicologia, a sociologia, a biologia –, mas principalmente a militância de muitos pedagogos e de seus difusores. (CAMPOS, 2012, p. 11).

Dessa forma, é possível perceber que há uma forte presença da matriz religiosa nos jardins de infância na década de 1960, mesmo não sendo a ideologia predominante nesses espaços, como afirma Campos (2012). Abi-Sáber (1965) tende a utilizar da religiosidade para criar uma moral e bons comportamentos nas crianças pequenas, que se tornarão cidadãos comprometidos com a sociedade em que vivem.

Portanto, é visível que as concepções de Jardim de Infância na década de 1960 são amplas e vários fatores contribuem para formar o ideal constituinte dessas instituições. Ao analisar a obra *O que é o Jardim de Infância* (1965), pode-se perceber que essa concepção se torna ainda mais detalhada e com elementos diversos, visto que Abi-Sáber discorre sobre diversos aspectos da pré-escola, o que corrobora para o entendimento dessas instituições na década de 1960. Olhar para esse manual é necessário para compreender os significados dos jardins de infância a partir da visão de Abi-Sáber. Além dos aspectos abordados, não se pode discutir a concepção de jardim de infância para a autora sem ressaltar o papel da professora, da cultura material, dos objetos e das mobílias utilizados nessas instituições, itens que são apresentados a seguir.

2. ATIVIDADES EXEMPLIFICADAS, PROFESSORAS PREPARADAS: MATERIALIDADE, EXPRESSÃO E LUDICIDADE

“[...] tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. (BLOCH, 2001, p. 79)

O trecho do livro *Apologia da História ou o ofício do historiador* que abre este capítulo pode parecer, na dinâmica em que vivemos hoje – em que todos se expressam muito em redes sociais, tocam suas telas, escrevem e deixam informações sobre si e sobre os outros – algo já posto. Afinal, não estão os homens fabricando, dizendo ou escrevendo, deixando suas marcas e informando? Todavia, as mensagens que possam parecer ter receptor ou receptores diretos agora, no tempo presente, serão guardadas? Pensando diretamente na relação com a educação, o que o homem tem fabricado, tocado, escrito, que está ficando de marcas para informar sobre a forma como o ensino na primeira etapa, por exemplo, está ocorrendo agora? Vivenciamos o período de dois anos de pandemia ocasionada pela Covid 19 e já é possível ver o registro em documentos escolares, como o Projeto Político Pedagógico, de imagens que deixam vestígios sobre essa passagem nas vidas das crianças em sua relação com a educação, como é possível observar a seguir:

Imagem 3: Heitor e sua turma do Jardim de Infância



Figura 2 Heitor e sua turma

Fonte: GDF, PPP, 2021, p. 8

De modo muito breve, atentando-se para as múltiplas significações mentais e sociais que possam ser associadas ao desenho do pequeno Heitor, que estão relacionadas ao que podemos chamar de representações e dos seus suportes materiais (CHARTIER, 2001), é possível identificar o formato quadricular ao redor da cabeça de todas as crianças. Provavelmente, conhecendo o que nós vivenciamos nesses últimos anos de ensino remoto, ensino híbrido, encontros assíncronos, enfim, os nomes que foram classificados pelas redes de ensino, o Heitor estava desenhando sua turma nas telas do computador ou dos telefones celulares, por onde muitas crianças se encontraram durante o período pandêmico. Uma imagem que, associada a um contexto histórico, permitirá aos futuros pesquisadores da História da Educação a construção de uma interpretação de como foram os encontros, pelo menos, de uma turma da educação infantil de um jardim de infância do Distrito Federal, em 2021.

É com esse entendimento que o olhar se volta para o manual de Nazira Féres Abi-Sáber, cujas concepções do Jardim de Infância ali apresentadas já foram abordadas no primeiro capítulo, mas que neste comparecem sob uma ótica diferente. A autora trata, em seu manual, sobre questões específicas acerca do papel da professora na pré-escola e de espaços, mobílias e objetos dessas instituições, fazendo-se, assim, necessário um aprofundamento na análise desses itens. Abi-Sáber também faz uso de desenhos para exemplificar o que escreve no manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965), trazendo uma linguagem lúdica e de fácil acesso para os leitores. Dessa forma, foi feito um diálogo entre as imagens apresentadas pela autora e as imagens dos jardins de infância da década de 1960 encontradas na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Usando "*jardim de infância*" na busca no acervo em todos os periódicos entre 1960 e 1969, surgiram 21.096 ocorrências referentes ao assunto, mas, apenas aquelas que continham fotografias foram analisadas.

A busca por imagens foi necessária para fazer um paralelo entre as propostas feitas por Abi-Sáber e o que ocorria nas pré-escolas nessa época, usando como base teórica autores como Mauad (1996), Panofsky (2007), Schmitt (2007) e Souza (2001), que tratam da relação entre as imagens e a história. Portanto, foi também preciso expor o que é imagem e sua importância para a História da Educação, além de aprofundar nas questões relativas ao papel da professora, da cultura material e das imagens apresentadas por Abi-Sáber (1965) relativas a elas. Para Schmitt (2007), as imagens são representações daquilo que podemos ver e todas elas:

Tem sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos e mesmo mágicos. Isso quer dizer que participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas. Em todos os aspectos, elas pertencem ao território de 'caça' do historiador. (SCHMITT, 2007, p. 11).

As imagens apresentadas por Abi-Sáber servem para usos pedagógicos, à medida que expressam os materiais e relações presentes nas instituições pré-escolares, revelando o ideal de Jardim de Infância em que a autora acreditava. Entretanto, a análise das imagens não se limita apenas ao que os olhos veem, mas deve ser interrogada com as intenções e crenças de quem as faz e com o contexto em que foram criadas. Por isso, essa interpretação das imagens do manual *O que é o Jardim de Infância* (1965) foi apresentada em diálogo com imagens de outros jardins de infância da década de 1960, visto que essas imagens não podem ser entendidas isoladamente, mas sim, "[...] coordenando um grande número de observações similares e interpretando-as no contexto de novas informações[...]" (PANOFSKY, 2007, p. 49). Tanto as imagens apresentadas por Abi-Sáber quanto as fotografias escolares encontradas no arquivo são:

[...] a expressão da forma escolar – uma maneira de ser e comportar na escola -, representações de uma cultura institucional veiculadora de conhecimentos, valores, normas e símbolos considerados legítimos. Elas representam singularidades e identidades compartilhadas. (SOUZA, 2001, p. 81).

De acordo com Gomes, a fotografia, mesmo tendo sido inventada no século XIX, só recentemente encontrou espaço na história da educação, visto que muitos pesquisadores desse campo "estão preocupados com a interpretação do passado, dispensando pouca atenção à interpretação das práticas visuais e das questões críticas que elas comportam e que remetem a uma teoria ou teorias da imagem" (NUNES, 1996, apud GOMES, 2003, p. 41). Ainda que recente a relação entre a história da educação e a imagem, Kuhlmann e Fernandes (2012) ressaltam sua importância ao afirmarem que:

Os quadros, estátuas, fotografias e filmagens não são um dado imediatamente correspondente à realidade. As questões relacionadas à história da arte, os temas e escolas, os conhecimentos técnicos e recursos materiais em diferentes épocas precisam ser considerados para que não se interprete erroneamente o que vemos na iconografia. Assim, o uso de imagens pode ser um recurso interessante para se buscar evidências sobre a infância no passado, embora deva ser feito com precaução. A representação de crianças no passado traz indícios de seu lugar na sociedade, dos sentimentos e da relação entre pais e filhos, dos brinquedos e brincadeiras. (KUHLMANN, FERNANDES, 2012, p. 24).

Há imagens em 32 das páginas do manual *O que é o Jardim de Infância* (1965), que representam aspectos diversos da pré-escola. Todas elas são desenhos, provavelmente feitos pela autora, já que não há indicativo de um ilustrador e nenhuma possui cor. Provavelmente, o intuito de Abi-Sáber era apresentar imagens mais diretas, que chamassem atenção para os objetivos que ela queria passar, e não tornar o livro colorido e focado no estético. Essas intenções de quem utiliza imagens para construir uma narrativa não são por acaso. De acordo com Mauad (1996, p. 15), "a história embrenha as imagens, nas opções realizadas por quem escolhe, uma expressão e um conteúdo, compondo através de signos, de natureza não verbal, objetos de civilização, significados de cultura." Ou ainda pode-se compreender essa escolha à luz do indica Chartier (2001) sobre as intencionalidades dos editores e dos modos como configuram as obras para determinadas apropriações de leitores específicos; as imagens podem ter sido pensadas assim como os textos que:

Não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou visão, participam profundamente da construção de seus significados. O 'mesmo' texto, fixado em letras, não é o 'mesmo' caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação. (CHARTIER, 2002, p. 61-62, grifo do autor).

Devido a importância de Nazira Abi-Sáber e suas obras para a época em que viveu e trabalhou com a educação infantil, além das contribuições que deixa para esta área e para a História da Educação, este capítulo usa como base seu livro *O que é o Jardim de Infância* (1965) para compreender as relações entre as imagens e as concepções da educação de crianças pequenas nos Jardins de Infância na década de 1960. Além disso, por ainda serem pouco estudados, Abi-Sáber e seu manual de ensino podem trazer diferentes perspectivas e noções sobre os jardins de infância, fazendo evidente a relevância dessa temática. Outrossim, esse manual contribui para a criação e divulgação de uma cultura escolar, que pode ser entendida como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10).

Percorre-se aqui o manual e suas imagens buscando identificar que orientações eram dadas às professoras pré-primárias quanto às práticas que deveriam realizar com as crianças,

quanto aos conteúdos, os modos de organizarem os materiais, que tipo de objetos e mobília comparecem, enfim, a identificação de um projeto de escolarização da infância na década de 1960, aqui subdivididos em dois itens.

2.1. O papel da professora do Jardim de Infância

No manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965), Nazira Abi-Sáber buscou conceituar, divulgar e esclarecer, entre outras coisas, qual era o papel da professora da pré-escola. Segundo Waschinewski e Rabelo (2018, p. 293), o PABAE, Programa no qual Abi-Sáber atuava, contribuiu para a criação de "um jeito de ser professora normalista sempre de acordo com os discursos oficiais. Ser professora exigia construir uma representação, que em princípio estava pautada na imagem da mulher séria e recatada, construída em uma postura fechada e discreta". Assim, o papel da educadora não estava ligado somente ao trabalho na escola, mas era pautado em um conjunto de normas que a constituíssem como tal. Essas normas são ressaltadas por Abi-Sáber (1965) em seu manual, já que este era voltado para a formação das professoras. Dentre esses ideais do que é ser professora, pode-se perceber que Abi-Sáber espera que a professora seja uma boa influência, seja amiga, dedicada, carinhosa, observadora, estudiosa e organizada, visto que ela "representa um grande papel em todos os setores da vida da criança" (ABI-SÁBER, 1965, p. 154)

Essa inclinação para o uso do termo professora, ao invés de professor, e das tantas funções relacionadas ao cuidado e à maternidade se referem à predominância das mulheres no magistério e ao que era esperado delas nessa posição, sendo que "a questão do afeto, do carinho, do amor são parte essencial do discurso pedagógico" (CERISARA, 2022, p. 9). Bruschini e Amado (1988) apontam que:

Sob a influência de correntes de pensamento que consideravam a mulher, e somente ela, dotada biologicamente pela natureza com a capacidade de socializar as crianças, como parte de suas funções maternas, e considerando que o ensino de crianças, na escola elementar, era visto como extensão dessas atividades, o magistério primário, desde o século passado, começou a ser considerado profissão feminina por excelência. (BRUSCHINI; AMADO, 1988, p. 5).

De acordo com Bruschini e Amado (1988), depois das mulheres adquirirem o direito à educação, no século XIX, elas passaram também a ser admitidas no magistério. Entretanto, influenciadas pelo catolicismo e pelas regras sociais, as mulheres eram limitadas somente ao ensino para meninas, focado em aspectos considerados femininos, como o bordado. Mesmo sob essas condições, a escola normal, que formava futuros professores, foi se tornando uma

"das poucas oportunidades de continuação dos estudos para as mulheres", que a buscavam tanto para se tornarem professoras quanto para obter mais instrução (BRUSCHINI; AMADO, 1988, p. 5). Além disso, Rosemberg e Amado (1992) apontam que essa educação predominantemente feminina pode ter sido influenciada também pelo fato de que as professoras antes chegaram a ensinar em suas próprias casas, sendo assim, um trabalho doméstico, como uma continuidade na educação antes feita em casa pelas mães. (WASCHINEWSKI; RABELO, 2018).

Em algumas páginas do seu manual de ensino, *Abi-Sáber* cita a palavra "professores", mas se dirige às professoras com muito mais frequência. Para a autora, "a professora tem de ser um pouco mãe de todos e procurar, antes do mais, se fazer amiga e companheira das crianças, resolvendo suas dificuldades e dando-lhes segurança" (ABI-SÁBER, 1965, p. 71). Essa noção é também reforçada por Lourenço Filho, escritor e pesquisador da educação, que, segundo Machado (2015, p. 84), acreditava que "a jardineira, pelo contrário, exerceria o papel similar à mãe e era nessa relação professora-criança baseada na ternura e na orientação, que o Jardim de Infância deveria organizar-se e atuar como um centro de saúde emocional para a criança". Assim, às professoras cabia a:

Formação de uma nação moderna que almejava o progresso social. Além da leitura, escrita e o cálculo, a professora primária tinha presente em seu currículo escolar as disciplinas de psicologia, puericultura e higiene. Dessa forma, mais do que ensinar os cálculos e as letras, ela deveria ensinar os preceitos da higiene, as tarefas domésticas e bons modos; assim passa a ser uma figura central nesse novo contexto, e é nesse sentido que eram pautados os cursos de aperfeiçoamento. A coleção Biblioteca de Orientação da Professora Primária estava circunscrita neste novo cenário, desde as autorias, todos os manuais são elaborados por mulheres, além dos discursos pró- modernização que circulam nos textos apresentados pelas autoras. (WASCHINEWSKI; RABELO, 2018, p. 296).

"Associada a um novo modelo de mulher" (WASCHINEWSKI; RABELO, 2018, p. 296), a formação de professoras do PABAE na década de 1960 era recorrente, visto que as noções de jardim de infância estavam sendo ampliadas e, junto com elas, a necessidade de se estabelecer os objetivos dessas instituições, as ações para as crianças pequenas e quem cuidava delas também. De acordo com Vieira (1988, p. 15), para que o papel da professora fosse cumprido, a formação delas ocorria em "cursos regulares nas Escolas Normais ou nos Institutos de Educação [...]. Além disso, deveriam organizar palestras, visitar instituições de educação pré-escolar, fazer estágios e cursos intensivos". Kuhlmann Jr. (2005, p. 185) ainda aponta que a Escola Normal era "lugar de educação profissional, de formação das professoras,

mas também lugar de educação feminina, de futuras mães". Exemplo disso é a imagem abaixo, que mostra um curso de Jardim de Infância e Pré-Primário realizado em 1961, pela professora Maria Júlia T. Mendes Monteiro, formado apenas por mulheres.

Imagem 4: Curso para professoras de Jardim de Infância e Pré-Primário



Fonte: Vida Carioca, 1961

Segundo Abi-Sáber (1965, p. 11), a formação da professora era essencial porque quando ela "tem real convicção dos objetivos ou finalidades que pretende alcançar, ela mesma promove os meios de ação e procura reunir todos os recursos materiais necessários à consecução desses mesmos objetivos". A autora também chama atenção para o fato de que muitas instituições atendiam crianças sem considerar os aspectos educativos e os cuidados que elas precisam, onde passavam "dois ou três anos ignoradas das professoras" (ABI-SÁBER, 1965, p. 23). Por isso, pode-se perceber que as características que a autora acredita que deveria ter o responsável do Jardim "definem um perfil profissional ideal e idealizado de ser docente, o que não reflete ou explica o docente que realmente existiu, mas assume a função de espelho na qual o professor deveria buscar sua imagem". (BASTOS, 2017, p. 68).

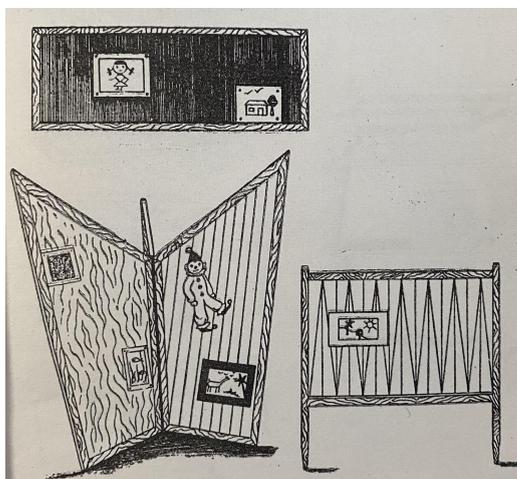
Abi-Sáber demonstra que o ambiente do Jardim de Infância deve estar adequado e preparado para receber os pequenos e satisfazer suas necessidades básicas. A professora é a responsável pela turma e pelo ambiente, logo, possui também a função de prezar por esses fatores. Para que isso aconteça, os que estiverem encarregados do jardim precisam:

Conhecer a capacidade de cada criança, seus desejos e interesses, e baseados nisso, organizar um programa que satisfaça as reais exigências infantis, dando aos alunos a possibilidade de adquirir as habilidades, os hábitos e, principalmente, as atividades indispensáveis a um completo e harmonioso ajustamento emocional e social. (ABI-SÁBER, 1965, p. 27).

Santos e Waschinevski (2021) ressaltam que a obra da autora é também um manual de boas maneiras para as professoras e estudantes da profissão, que atuariam na formação e civilização das crianças pequenas. Por isso, a ênfase no papel delas e sua importância é constante no manual *O que é o Jardim de Infância* (1965). Dessa forma, a professora deveria ter uma postura adequada e ser capaz de desenvolver as crianças para que se tornassem "cidadãos do futuro" (WASCHINEWSKI, RABELO, 2018, p. 292), além de formar crianças com "boas atitudes" (ABI-SÁBER, 1965, p. 26). A autora ainda aponta, em relação à função da professora, que ela deveria orientar as crianças e ser uma influência para elas, voltando seu trabalho para as particularidades dos pequenos de sua sala.

Abi-Sáber resalta que a professora é o ponto central "de toda a situação de aprendizagem [...]. Não há nada que substitua a competência da professora e a sua capacidade de controle e liderança" (ABI-SÁBER, 1965, p. 79). A figura da educadora era, assim, muito valorizada pela autora, que a enxergava como determinante para o sucesso do jardim de infância e das práticas educativas que nele aconteciam. Segundo Abi-Sáber (1965), para começar o trabalho no jardim, a professora deve ter um planejamento pensado com cuidado, que irá reger suas aulas, a fim de propiciar um ambiente adequado para as crianças. Ela deve ser sempre cautelosa com o arranjo do espaço, para que ele estimule as crianças, como por meio de decorações feitas por ela e pelos pequenos (ABI-SÁBER, 1965). "Nessa perspectiva, os trabalhos com as crianças necessitam do direcionamento intencional e consciente da mediação do adulto para que possam ativamente se apropriar de conhecimentos motivadores de seu desenvolvimento." (CASTRO, LIMA, MOURA, 2018, p. 178), como ilustra a imagem abaixo.

Imagem 5: Quadros decorativos da sala do Jardim de Infância



Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 47)

Abi-Sáber (1965, p. 47) sugere que sejam usados nas salas "suportes para cartazes e quadros de flanela, que expõem as pinturas e desenhos feitos pelas crianças. Em consonância com o cuidado da professora com as salas, Abi-Sáber (1965) aponta que deve haver também cautela com o momento e o ambiente destinado à realização das matrículas. Abi-Sáber (1965, p. 83) é rígida com a matrícula, visto que a professora deve ter "eficiência e rapidez" nesse momento e "ter, também, à sua mão, os diversos documentos a serem preenchidos". É pertinente lembrar, de acordo com o que aponta Kuhlmann Jr. (2005, p. 185), que a partir da década de 1920, "desenvolvem-se modelos de registro e de observação com a intenção de diagnosticar as condições e aptidões dos alunos". Nesse contexto, os pais deveriam ser bem recebidos pela professora e a ajudariam a preencher as informações sobre a criança. Esse tempo deveria ser focado no relacionamento da família com a escola, além de ser uma oportunidade para a professora conhecer melhor cada criança e suas particularidades. Além disso, é interessante que a professora procure as famílias e vá até casa delas, se possível, para estabelecer esse contato, conhecendo questões diversas da organização familiar de cada criança (ABI-SÁBER, 1965). A autora esclarece que a professora deveria anotar qualquer informação sobre a criança que pudesse ajudar a traçar seu perfil, seja de natureza médica, psicológica, física, mas que deveria ser objetiva, pois não cabe a ela a interpretação e a análise desses aspectos.

Segundo Abi-Sáber (1965), a professora deveria ser observadora e perspicaz, para poder entender como as crianças se comportam sozinhas e com a família, o que os pais esperam da instituição e dos filhos, entre outros aspectos, que não podem ser ignorados pela professora. A importância desses relacionamentos fica evidente na imagem abaixo, presente no manual de *O que é o Jardim de Infância* (1965), que provavelmente representa a professora, que segura o livro de matrícula, recebendo uma criança que frequenta ou frequentaria o jardim com um livro e sua mãe ao lado.

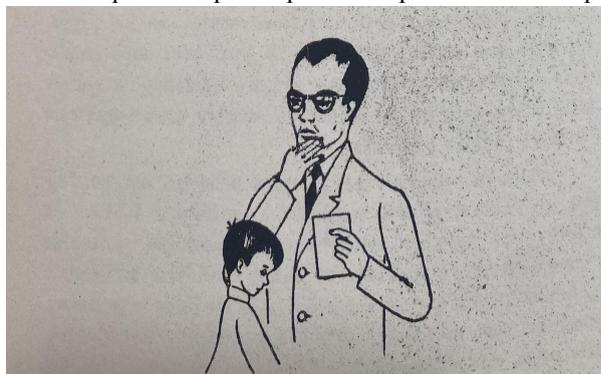
Imagem 6: A professora observadora



Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 72)

A professora, como aparece na imagem, deveria cumprimentar cada um de forma simpática, "dando a todos a alegria de seu sorriso amável e de suas atenções afetuosas." (ABI-SÁBER, 1965, p. 108). Há na mesma página do livro uma imagem de um menino abraçado em um homem que aparenta ser seu pai, que possui um papel em suas mãos. O papel pode fazer referência à ficha de matrícula que os pais ajudam a professora a preencher, uma vez que Abi-Sáber (1965, p. 84) aponta que a professora deve entregar essa ficha "para que os pais a preencham", na qual constam características da criança, hábitos, condições de saúde, entre outros. Segundo a autora, para que essa ficha esteja completa, devem ser feitas "entrevistas pessoais com os pais (na escola ou na residência dos mesmos)", a fim de "discutir as características da criança" e conhecê-la melhor (ABI-SÁBER, 1965, p. 83). Talvez a palavra "pais" seja realmente utilizada na referência ao responsável pela criança do gênero masculino e não para classificar o pai e a mãe em um grupo, em um coletivo dentro desse papel de preenchimento.

Imagem 7: O responsável preocupado ou o professor/diretor pensativo



Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 72)

Mas, se considerarmos esse homem como um professor que segura uma atividade em que a criança não teve muito êxito, já que Abi-Sáber (1965) não descarta totalmente a

presença de um professor no pré-primário, ou de um diretor, ou mesmo um responsável pela criança na mesma situação? Isso seria possível pela postura de reflexão do homem e a cabeça baixa da criança, que pode significar que está envergonhada diante de algo, o que nos leva a ponderar sobre os “dispositivos de poder inscritos nos objetos e lugares”. (VIDAL, 2005, p. 58).

A professora, segundo Abi-Sáber (1965, p. 95), tem sempre uma imagem de ternura e cuidado, na qual a criança verá "uma mãe ou amiguinha dedicada", prezando por tornar o ambiente agradável para os pequenos. Bastos (2017, p. 76) aponta que, para Kuhlmann Jr. (1998), o uso da palavra amiguinha pode ser entendido como a infantilização da professora, a partir do uso de "expressões no diminutivo, como se fosse a criança". Em relação à dedicação da professora, Castro, Lima e Moura (2018, p. 182) demarcam que "[...] para Abi-Sáber (1963), o êxito da escola embasava-se na máxima atenção à criança, considerando a sensibilidade da professora para compreender a estranheza da criança diante de um ambiente novo e totalmente diferente do seu lar". Além disso, era papel também da professora observar o físico dos pequenos, para descobrir se possuíam alguma doença ou sintoma, aspectos que foram pensados por Froebel. Como afirma Kishimoto (1988), os jardins de infância froebelianos prezavam pelos cuidados com o corpo das crianças, buscando desenvolvê-las por completo.

A professora, segundo Abi-Sáber (1965) deveria ter sempre em mente o planejamento da rotina no jardim de infância, a fim de conseguir proporcionar um ambiente adequado para o aprendizado dos pequenos. Parte desse planejamento era destinado à avaliação das crianças e sua documentação. Para Abi-Sáber (1965, p. 148), "às vezes, o sucesso e o ajuste socioemocional de uma criança dependem da fidelidade com que a professora do Jardim acumulou referências a seu respeito e as transmitiu à professora do primeiro ano." Os registros dos pequenos serviam para armazenar dados sobre eles, acompanhar o desenvolvimento, facilitar o contato com a família, entre outros benefícios (ABI-SÁBER, 1965). A autora ainda reforça que, para que a professora pudesse cumprir com todos esses objetivos, ela deveria estar sempre em busca de informações, pesquisando e estudando sobre assuntos da sala de aula.

O papel da professora, segundo o manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965), é extenso e perpassa diferentes aspectos dessa instituição, mas são resumidos em três itens pela autora. O primeiro, deve ser fazer as crianças felizes através da convivência com as pessoas e dos ideais cristãos. O segundo, propor atividades diversas que auxiliem na aprendizagem da criança. E por fim, incentivar a criatividade dos pequenos, principalmente

no que diz respeito às criações artísticas deles, pois "algumas de nossas professoras ainda estão longe de compreender o valor da arte como meio de expressão das possibilidades da criança." (ABI-SÁBER, 1965, p. 29). Um aspecto sempre ressaltado na obra de Abi-Sáber (1965) é a arte para os pequenos. A professora deveria deixá-los livres para criar e explorar. Independente das suas habilidades, ela não deveria impor ideias ou modelos a eles, para que eles sejam estimulados por seu próprio talento. Além da pintura e do desenho, a professora deve incentivar o contato com outras artes, como a dramatização, a leitura e o teatro. Ela é também responsável por orientar as orações, brincar com as crianças no recreio e avaliar, junto com elas, o dia vivido no jardim. (ABI-SÁBER, 1965).

Abi-Sáber (1965, p. 75) ainda resalta que "a professora imaginativa e de bom gosto disporá de tal maneira os móveis e o material de manipulação, que estimulará constantemente a atividade infantil." Dessa forma, fica evidente a importância dada pela autora ao espaço e aos elementos físicos presentes nos jardins de infância. Por isso, é necessário discutir o papel desses fatores segundo o manual *O que é o Jardim de Infância* (1965), colocando-os em diálogo com imagens de instituições pré-escolares brasileiras da década de 1960.

2.2 O ambiente e a mobília escolar

O "Moderno Jardim da Infância" foi pensado detalhadamente por Abi-Sáber (1965, p. 24), que demonstra a importância de cada aspecto dessa instituição. Yvonne Jean, jornalista que discutia a educação na década de 1960, também demonstra essa concepção atual do Jardim quando aponta que "o papel do Jardim de Infância moderno não é mais, como outrora, dar rudimentos de leitura, caligrafia e cálculo e sim preparar a criança a receber o ensino, desenvolver sua inteligência e senso artístico, habilidade manual e senso de comunidade." (JEAN, 1962, p. 8 apud BARBOSA, 2021, p. 10).

Em relação aos Jardins pensados por Abi-Sáber, o foco da autora, em grande parte de seu manual, é voltado para o ambiente em que as crianças passarão seus dias, visto que "o sucesso do trabalho feito com as crianças depende, principalmente, das condições do local, planejamento da construção do prédio, escolha e utilização do equipamento e do material." (ABI-SÁBER, 1965, p. 33). A autora acreditava que:

Querendo atingir mais depressa e melhor os grandes objetivos do Jardim de Infância, isto é, o desenvolvimento harmonioso do físico e da mente infantil, com particular relevo da educação emocional, social e espiritual, devemos dar a maior importância possível ao "ambiente físico" onde as crianças vão trabalhar e viver durante tantas

horas por dia. [...] É de extrema importância, então, o arranjo do ambiente, com riqueza de material e de oportunidades para a criação espontânea e livre das crianças. (ABI-SÁBER, 1965, p. 75).

Souza (2007, p. 11) também destaca que a dimensão material da escola, como "edifícios, mobiliário, utensílios, materiais pedagógicos, manuais didáticos etc." são desvalorizados e "quase sempre tomados como um dado natural, evidentes por si mesmos, sem maior relevância, ainda que sejam suportes de práticas, instrumentos mediadores da ação educativa e elementos estruturais para o funcionamento dos estabelecimentos de ensino". Na década de 1960 "[...] infelizmente, era possível perceber o desinteresse frequente pelo aspecto material dos Jardins da Infância. Por isso, ela [Abi-Sáber] advertia sobre a importância de um ambiente planejado com uma diversidade de materiais e de oportunidades para a criação espontânea e livre das crianças" (CASTRO; LIMA; MOURA, 2018, p. 178). Assim, é interessante entender a importância que Abi-Sáber (1965) dá à cultura material escolar em seu manual, mesmo em um contexto que não era voltado para esse aspecto da educação. É necessário afirmar que "quando nos referimos à cultura material, tratamos tanto de artefatos, quanto dos elementos materiais do mundo que nos cerca como o meio ambiente, a natureza, a urbanização das cidades, a arquitetura dos edifícios ou, mesmo, o tempo." (VIDAL, 2017, p. 46).

Segundo Meneses (1998, p. 91), as propriedades dos objetos "incluem apenas propriedades de natureza físico-química: forma geométrica, peso, cor, textura, dureza, etc. etc. Nenhum atributo de sentido é imanente". Entretanto, o autor acredita que o historiador tem o poder de transformar esses objetos em documentos, quando coloca em questionamento questões não visíveis sobre esses objetos, dando a eles novos significados. Os materiais dispostos no manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965) não são, portanto, apenas objetos do cotidiano escolar, mas cumprem também com o papel de revelar a concepção de Jardim para Abi-Sáber e de mostrar a importância que esses utensílios tinham para a educação na década de 1960. Portanto, de acordo com Silva (2007, p. 269), é preciso "considerar que os manuais pedagógicos, ao dirigirem-se aos professores, elaboram e divulgam os conhecimentos a partir dos quais a *cultura escolar* é construída".

Para o local do Jardim, Abi-Sáber (1965) aponta que deve estar em uma vizinhança tranquila, segura, silenciosa e ampla, e o prédio deve ter apenas um andar, por segurança. A autora preza por claridade e ventilação, e afirma que o prédio deve ser composto por muitas janelas. Ela ainda discorre, em seu manual, sobre os materiais e condições ideais para o teto,

paredes, assoalho e janelas, a fim de criar o melhor ambiente possível para os pequenos.

A composição do ambiente interno também era essencial para a autora. Segundo Abi-Sáber (1965), as salas deveriam ser grandes, com, no mínimo, 3 a 5 metros quadrados para cada criança, sendo adequado o número de 20 a 25 alunos. No total, esse ambiente deveria ter entre 75 e 80 metros quadrados, em condições ideais, a fim de tornar possível a realização de todas as atividades propostas pela professora, deixando ainda espaços livres "para o trabalho e o brinquedo das crianças" (ABI-SÁBER, 1965, p. 42). Na foto abaixo, de um Jardim de Infância da 208 Sul, em Brasília, o uso desse espaço amplo e vazio fica evidente, no qual a professora parece aproveitá-lo para juntar os alunos no chão e realizar alguma atividade.

Imagem 8: Crianças do Jardim de Infância da 208 Sul, de Brasília, DF



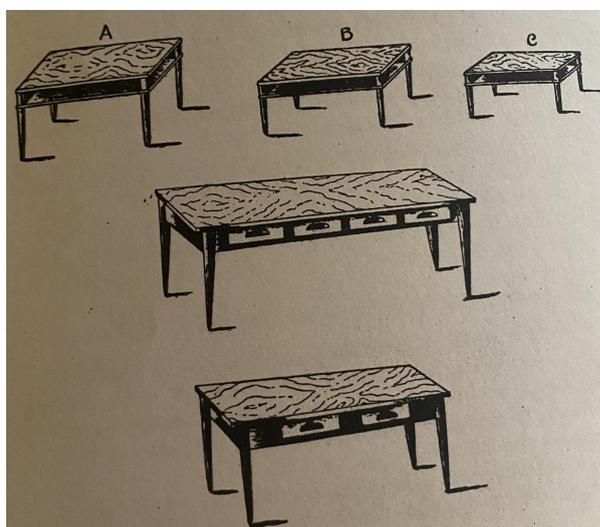
Fonte: O Mundo Ilustrado, 1962, p. 39

Não só o espaço, como também os materiais do Jardim recebem ênfase no manual *O que é o Jardim de Infância* (1965). Abi-Sáber (1965, p. 26) afirma que dentre as principais necessidades de uma criança no jardim de infância está ter contato com "uma grande variedade de experiências com diferentes espécies de materiais". Para a autora, os materiais, que não podem ser comprados em quantidade excessiva, devem "estimular a imaginação e a capacidade criadora das crianças", compondo um ambiente favorável para "o desenvolvimento social da criança" (ABI-SÁBER, 1965, p. 42-43). Definir as condições de espaço e mobília era também uma forma de garantir o melhor aproveitamento desses aspectos durante o processo de ensino-aprendizagem no Jardim, visto que "o espaço é palco inalienável

da relação entre objetos e ação que, por sua vez, transforma e redefine sentidos para o espaço." (BARRA, 2007, p. 17).

Em relação aos móveis próprios para o uso dos pequenos, "as mesas retangulares, com lugares para seis ou oito crianças, facilitam o trabalho em grupo" e, segundo Abi-Sáber (1965, p. 43), devem estar de acordo com "idade, tamanho e condições especiais das crianças". A autora acreditava que os melhores móveis para o Jardim são aqueles que permitem mudança de lugar e organização, e devem ser dispostos de modo a privilegiar o trabalho em conjunto dos pequenos, como mostra a imagem abaixo.

Imagem 9: As mesas do Jardim de Infância



Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 44)

Para Abi-Sáber (1965, p. 91), "aqui não se trata daquela escola do tipo tradicional, de carteiras enfileiradas e parafusadas no chão, onde se assentavam os alunos para ouvir, calados e de braços cruzados, as longas exposições da professora." Ela prezava pela liberdade e pela estimulação das crianças, fatores que eram refletidos também pela organização do ambiente escolar. O Jardim era, assim, "uma escola de vida, um ambiente de alegria e de trabalho" (ABI-SÁBER, 1965, p. 91).

Apesar de Abi-Sáber (1965) preferir espaços amplos e mesas grandes, é possível perceber, a partir da imagem abaixo, do Jardim da Congregação do Divino Zelo, no Rio de Janeiro, que nem todos os jardins seguiam essa regra.

Imagem 10: Mesas apertadas no Jardim da Congregação do Divino Zelo



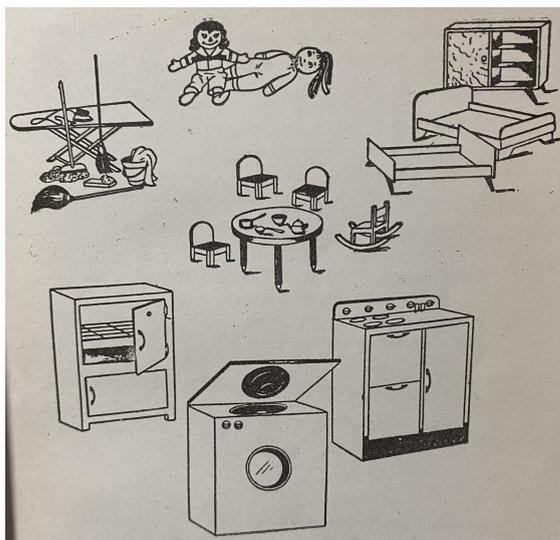
Fonte: Maquis, 1960, p. 10

Na sala registrada na foto, sentam-se duas crianças por mesa, que estão muito próximas uma da outra e dão a noção de que havia pouco espaço para a circulação dos pequenos. Entretanto, como a própria autora aponta, ela escrevia condições ideais para o Jardim de Infância, que não necessariamente seriam fiéis às suas ideias.

Abi-Sáber também determina que as salas de aula deveriam ter centros de interesse das crianças, que são espaços da sala, cada um destinado a um tipo de atividade. Antes de discutir um pouco sobre esses centros de interesse, é interessante perceber que chamar de sala de aula é apresentar uma concepção de que ali estava se tratando da educação das crianças de forma institucional, de forma escolarizada, com conteúdos e atividades, ainda que pautadas com dinâmicas lúdicas. Como enfatiza Marcílio (2005, p. 248), até o início da década de 70, o modelo de educação pré-escolar – na verdade pré-primário – perseguido pela administração educacional pautava-se por diretrizes recomendadas pela XXVI Conferência Internacional de Instrução Pública da Unesco, de 1961”, o que significa ter uma ênfase no caráter educativo da pré-escola, assumindo um modelo de preparar as crianças para a próxima fase, o primário.

Voltando aos centros de interesse, há o centro da biblioteca, destinado a leitura de livros; o de manipulação, com materiais diversos para as crianças explorarem; o de aritmética, que contém objetos para fazer contagem; o de música, composto por instrumentos, feitos manualmente ou não; o de ciências; o de artes, o de jogos e o do brinquedo, também chamado por Abi-Sáber (1965, p. 78) de "cantinho das bonecas". Nesse último centro, a autora afirma a necessidade de se ter "peças de uso doméstico", como televisão, rádio, máquina de lavar roupa, cama, e outros, além de bonecas, com roupas, acessórios, carros e outros elementos voltados para elas (ABI-SÁBER, 1965, p. 52), objetos exemplificados nas imagens abaixo.

Imagem 11: Peças de uso doméstico



Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 51)

As imagens abaixo demonstram o uso desses brinquedos, considerados importantes para Abi-Sáber (1965). Em um jardim de infância do Instituto Benjamin Constant (RJ), há dois meninos cegos brincando de boneca, além de outras crianças usando um relógio como parte da brincadeira, elemento que Abi-Sáber (1965) também considera necessário para a sala do Jardim.

Imagem 12: Crianças do Jardim de Infância do Instituto Benjamin Constant brincando



Fonte: Maquis, 1961, p. 29

Brinquedos de construção, encaixe e montagem também têm destaque no manual de Abi-Sáber, assim como materiais para as artes manuais, dramatização, música e contagem. Além disso, a autora ainda destaca uma variedade de brinquedos para a área externa do Jardim, que devem "facilitar o desenvolvimento dos músculos", além de serem "seguros e adequados para o tamanho das crianças" (ABI-SÁBER, 1965, p. 43-65). Abi-Sáber (1965)

indica escorregadores, trepa-trepa, carrinhos de mão, barras, corda, caixas de areia e balanço, como o que pode ser visualizado abaixo em um jardim de infância do Rio de Janeiro em 1960.

Imagem 13: Crianças no parque do Jardim da Congregação do Divino Zelo



Fonte: Maquis, 1960, p. 11

Outros exemplos de brinquedos sugeridos por Abi-Sáber também podem ser visualizados abaixo, como o escorregador e o balanço feito de pneu e corda. (ABI-SÁBER, 1965, p. 65).

Imagem 14: Brinquedos da área externa do Jardim de Infância

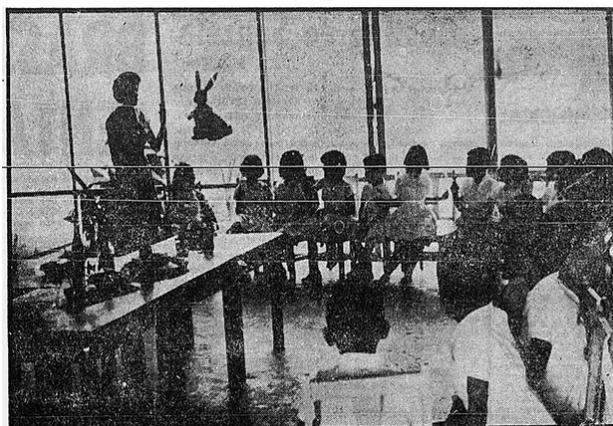


Fonte: *O que é o Jardim de Infância* (1965, p. 65)

Abi-Sáber destaca que no material de ciências podem ser levados animais para a sala para um dia de visitas ou esses podem viver no Jardim, se forem cuidados por alguém, como "coelhos, jabutis, periquitos, galinhas, patos, marrecos, besouros, sapos, etc." (ABI-SÁBER, 1965, p. 33). Na imagem abaixo, há um coelho, que apesar de não parecer verdadeiro, ilustra a ideia de Abi-Sáber (1965) de ensinar ciências a partir de animais. O uso de animais na educação de crianças pequenas e sua vantagem para elas pode ser visto também no jardim de infância da quadra 108 sul, em Brasília. Barbosa (2021) aponta que Yvonne Jean, ao escrever uma reportagem sobre essa instituição, apresenta a seguinte fala de uma das crianças:

A Claudia trouxe dois patinhos para visitar a sala azul”, e a partir dessa informação, a própria docente narra que “a Claudia fez a biografia dos patinhos, a professora sua genealogia e peculiaridades, a turma sua refeição, e assim por diante. Foi um acontecimento para Leiliane, Elizabeth, Carla, Vânia, Gustavo e Claudia (JEAN, 1962, p. 6, apud BARBOSA, 2021, p. 14).

Imagem 13: Uma aula no jardim de Infância



Fonte: O Semanário (1960, p. 12)

Além disso, é possível perceber também nessa imagem que as cadeiras são adequadas para o tamanho das crianças, permitem a reorganização dos móveis e ainda há espaço livre para elas circularem, assim como Abi-Sáber idealizou a sala de um Jardim de Infância.

Portanto, é possível perceber o destaque dado por Abi-Sáber (1965) ao espaço e ao material do Jardim de Infância, que contribuem também para o entendimento da concepção dessa instituição apresentada pela autora na década de 1960. O manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965) nos permite então, analisar esses aspectos e sua importância para compreender "o alto valor da educação pré-primária" (ABI-SÁBER, 1965, p. 15) na década

de 1960, entendo esse local como "ambiente agradável, sadio, espaçoso e repousante" (ABI-SÁBER, 1965, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal compreender as relações entre as imagens e concepções para a educação de crianças pequenas nos Jardins de Infância na década de 1960 por meio do manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965), de Nazira Féres Abi-Sáber. Assim, foi preciso buscar as concepções sobre a pré-escola nessa época; entender as relações do manual com a formação de professoras para o ensino pré-primário; e compreender as condições materiais e do ambiente do Jardim de Infância propostas no livro para atingir esse objetivo.

A partir de uma pesquisa de cunho histórico, a obra de Abi-Sáber pode ser compreendida como um manual para professoras da pré-escola, visto que dá elementos para um entendimento de como deveriam ser organizados os jardins de infância e as práticas neles conduzidas, através de explicitações sobre a rotina dessas instituições, sobre o papel da professora e sobre os aspectos materiais, reforçados pelas imagens expostas no manual. Nele, Abi-Sáber buscou exemplificar para o leitor as práticas que deveriam ser realizadas nos jardins de infância, que serviram como uma "ajuda" para as pré-escolas brasileiras, em um momento em que não se tinha nada direcionado para ela, como a educadora retratou". (MACHADO, 2015, p. 164).

Assim como aponta Abi-Sáber (1965), os jardins de infância na década de 1960 não eram alvo das políticas públicas do Estado e ainda não tinham sua verdadeira importância reconhecida. Dentre as concepções de educação infantil que circulavam, estavam as vertentes do assistencialismo, da higiene, da guarda da criança, da compensação, da preparação para o primário, da noção de que o jardim era apenas para os ricos, entre outras. O foco da pré-escola era, portanto, desviado da educação, que se fazia presente nessas instituições, mas em segundo plano. Dessa forma, a ideia de Abi-Sáber ao escrever um manual de ensino era comunicar às professoras os objetivos e "problemas básicos" dos jardins de infância, a fim de que pudessem ser resolvidos (ABI-SÁBER, 1965, p. 11). Segundo a autora, esses problemas se referem tanto a questões gerais dessas instituições quanto àquelas referentes ao trabalho da professora e aos aspectos físicos dos jardins.

Dessa maneira, pode-se entender o manual de ensino como "portador de uma memória, de uma informação e de uma projecção. Há no complexo teórico e na configuração do manual uma modelação do aluno e uma idealização da sociedade." (MAGALHÃES, 2006, p. 8), os quais são apresentados ao longo do livro *O que é o Jardim de Infância* (1965). As imagens apresentadas na obra, que retratam aspectos diversos do jardim de infância, como a

professora, os brinquedos, os móveis, as atividades, também contribuem para a criação desse ideal de pré-escola na década de 1960, visto que o recurso imagético "incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem" (MAUAD, 1996, p. 15). Dessa forma, ao utilizar imagens para exemplificar suas palavras, Abi-Sáber consegue expor, de forma clara e também lúdica, aquilo que é essencial ao jardim de infância.

A leitura do manual de ensino *O que é o Jardim de Infância* (1965) nos permite, então, inferir as práticas e concepções dessas instituições na década de 1960. O ideal de pré-escola ainda estava em construção, pois não havia centralidade nacional sobre as concepções de jardins de infância, mas a autora possibilita um entendimento da sua visão acerca do assunto. O Jardim de Infância, para Abi-Sáber (1965), deveria propiciar o contato entre as crianças, deveria estar aberto ao diálogo com as famílias e deveria ser um ambiente seguro, onde os pequenos pudessem ser felizes, se desenvolver, experimentar, criar e ser livres. Abi-Sáber (1965, p. 25) afirma que o Jardim de Infância deveria ser, portanto, um ambiente "formador de atitudes necessárias à vida".

A autora aponta que a professora desempenhava papel crucial nessas relações e objetivos da pré-escola, sendo a responsável por permitir que o jardim fosse de tal maneira. Para que suas atribuições fossem cumpridas, a professora deveria estar sempre estudando e deveria prezar pelo bem-estar e pela formação das crianças, tratando a criança como foco do interesse. Além da professora, os móveis, brinquedos e objetos dessas instituições eram destaque na visão de Abi-Sáber, visto que por meio deles e da sua disposição, os objetivos do Jardim de Infância poderiam ser cumpridos da melhor forma. Os móveis deveriam ser da altura das crianças, permitir rearranjos na sala e os brinquedos deveriam estimular a criatividade e as habilidades dos pequenos. Dessa forma, compreende-se que a autora apresenta diversos elementos que contribuem para a criação de uma concepção de Jardim de Infância.

Por fim, é interessante ressaltar que a temática pesquisada neste trabalho ainda abre possibilidades para estudos futuros. O manual de Nazira Féres Abi-Sáber pode ser explorado de outras formas, como no aprofundamento da leitura das referências bibliográficas apresentadas pela autora, no diálogo com outros livros escritos por Abi-Sáber ou ainda na análise de outros aspectos tratados na obra, como a rotina dos jardins de infância, as fichas de matrícula e as diversas questões materiais exploradas pela autora. Pesquisar sobre os jardins na década de 1960 e sobre o manual *O que é o Jardim de Infância* na Hemeroteca Digital e em outros arquivos também são formas de dar continuidade a este trabalho futuramente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABI-SÁBER, NAZIRA FÉRES. **O que é o Jardim da Infância**. Editora Nacional de Direito. Av. Rio Branco, 131 - grupo 2003 (GB). Rio de Janeiro, 1965.

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação. **Hist. Educ.** (Online), Porto Alegre, v. 22, n. 55, maio/ago. 2018, p. 279-292.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. Notícias da pré-escola no Distrito Federal: apontamentos de Yvonne Jean (1960-1964). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75364, 2021.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. Possíveis relações entre aspectos materiais (espaço, mobiliário e utensílios), modos de organização da escola e intervenções de ensino. **Revista brasileira de história da educação**, n 14, maio/ago. 2007.

BASTOS, Maria Helena Camara. De jardineira para a jardineira: orientações didático-pedagógicas para a educação pré-primária (Revista do Ensino/RS, 1951-1963). **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 63-80, set/dez 2017.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *In*: Brasil. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 374-415.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cad. Pesq.**, São Paulo (64): 4-13, fev. 1988.

CAMPOS, Maria Malta. Infância como construção social: contribuições do campo da Pedagogia. *In*: **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas** / Organizadores: Alexandre Fernandez Vaz e Caroline Machado Momm – Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

CARLI, Deneide Teresinha. O documento histórico como fonte de preservação da memória. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 23, n. 47, p. 183 - 197, 2013. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/454/pdf_23>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

CASTRO, Rosane Michelli de; LIMA, Edileuza Aparecida de; MOURA, Cláudia Cristina de Farias dos Santos de. Espaços e Tempos dos Jardins na Infância, segundo o manual de ensino *O que é Jardim da Infância* (1963). **Notandum**, ano 21, n. 47, 2018.

CASTRO, Rosane Michelli de; SILVA, Vandeí Pinto da; MOURA, Cláudia Cristina de Farias

dos Santos de. O que é Jardim da Infância: aspectos para uma pauta de discussões sobre defesas em conflito na história da Educação Infantil brasileira (1960). **Revista Zero-a-seis**, v. 19, n. 36, p. 464-477, jul-dez 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2017v19n36p464/35630>>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

CERISARA, Ana Beatriz. **Em Busca da Identidade das Profissionais de Educação Infantil**. s/d. Disponível em: <<https://silo.tips/download/em-busca-da-identidade-das-profissionais-de-educacao-infantil>>. Acesso em: 28 de mar. 2022.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história cultural entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 2ªed.. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez, 2002.

CORREIO DA MANHÃ. **Livros Educacionais**. Rio de Janeiro, 27/09/1964, p. 24, edição 21928. (HDBN).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Biblioteca. Antonio Campos. **Suplemento Literário**. Rio de Janeiro, 13/09/1964, p.3, edição 12828. (HDBN).

FROEBEL, Friedrich. **A educação do homem**. Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/822/735>>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

GARCIA, Tânia Maria F. Braga; SILVA, Vivian Batista da. De como ensinar: traços paradigmáticos nos manuais pedagógicos e perspectivas de investigação (1870-2015). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 77, p. 135-158, 2019.

GDF. **Projeto Político Pedagógico Jardim de Infância 02 do Cruzeiro**. Secretaria de Estado de Educação. Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto, Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/09/ppp_ji_02_cruzeiro_plano_piloto.pdf>. Acesso em mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo, Atlas, 2002. Disponível em: <<https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>>. Acesso em: fev. 2022.

GOBBI, Márcia. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais**. Belo Horizonte, novembro, 2010.

GOMES, Luis Cláudio Gonçalves. A história da educação através de imagens fotográficas e outras fontes complementares: vários espelhos de um mesmo objeto. **Revista Vértices** n. 5 (2), p. 39-62, 2003.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista brasileira de história da educação**, n. 1, jan./jun. 2001. Tradução de Gisele de Souza.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Os Jardins de Infância e as escolas maternais de São Paulo no início da República. **Cad. Pesq.**, São Paulo (64), 1988, p. 57 - 60. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1184/1190>>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 4ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

KRAMER, Sonia. Privação Cultural e Educação Compensatória: uma análise crítica. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo (42), p. 54-62, ago, 1982.

KUHLMANN JR, Moysés A educação infantil no século XX. In: STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

KUHLMANN JR. Moysés. Educando a infância brasileira. In: **500 anos de educação no Brasil**. Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga (orgs). Belo Horizonte: Autentica, 2000.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN JR, Moysés. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922). **Cadernos De Pesquisa**, (78), 17–26, 1991.

KUHLMANN JR, Moyses; FERNANDES, Fabiana Silva. Infância: construção social e histórica. In: **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas** / Organizadores: Alexandre Fernandez Vaz e Caroline Machado Momm – Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

KULESZA, Wojciech Andrzej. História da pedagogia no Brasil: a contribuição das pesquisas centradas em manuais de ensino. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, 2014, v. 95, n. 240, p. 328-345.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2ªed, 2005.

MACHADO, Michele Varotto. A educação das crianças menores de 06 anos sob a perspectiva de Heloísa Marinho, Nazira Féres Abi-Sáber, Celina Airlie Nina e Odilon de Andrade Filho: uma análise de suas ideias pedagógicas (1934-1971). Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Carlos, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7066/TeseMVM.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

MACHADO, Michele; ARCE, Alessandra. A educação das crianças pequenas no Brasil de 1934 a 1971: intelectuais e saberes. **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013.

MAGALHÃES, Justino. O manual escolar no quadro da História Cultural: Para uma historiografia do manual escolar em Portugal. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, I, 2006; pp. 5-14. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MAQUIS. **Dinheiro das crianças nos palácios de Brasília**. Rio de Janeiro, 19/11/1960, p. 11, edição 00179(1). (HBDN)

MAQUIS. **No mundo das trevas nem tudo é escuridão**. Rio de Janeiro, 27/05/1961, p. 29, edição 00205(1). (HBDN)

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, v. 11 n. 21 (1998): Arquivos Pessoais.

O MUNDO ILUSTRADO. **João Vicente estuda para piloto**. Rio de Janeiro, 09/08/1962, p. 39, edição 00240(1). (HBDN)

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, 23(79), 47-63, 2013.

NASCIMENTO, Edaniele Cristine Machado do. Processo histórico da Educação Infantil no Brasil: educação ou assistência? **Revista Educere**. XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR, 2015.

O JORNAL. **Didático**. Rio de Janeiro, 30/08/1964, p. 2, edição 13272(1). (HBDN)

O SEMANÁRIO. **Brasília que eu vi**. Rio de Janeiro, 28/05/1960 a 0306/1960, p. 12, edição 00211(1). (HBDN)

PANOFISKY, Erwin. Significado nas artes visuais. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: **Perspectiva**, 2007. http://www.exatas.ufpr.br/portal/degraf_adrianavaz/wp-content/uploads/sites/17/2014/11/Iconografia-e-Iconologia_Significado-nas-artes-visuais.pdf

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555/7124>>. Acesso em mar. 2022.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena na agenda de políticas para a infância: Representações e tensões, p. 5-20. In: PALACIOS, Jesús; CASTÑEDA, Elsa. (Orgs.). A primeira infância (0 a 6 anos) e seu futuro. Madri: Fundação Santillana, 2009.

ROSEMBERG, Fúlvia. Panorama da educação infantil brasileira contemporânea. In: Simpósio Educação Infantil: construindo o presente, Brasília, 2003. **Anais**. Brasília: UNESCO, 2003. p. 33-81.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 80, p. 62-74, fev. 1992.

RUBIM, Sandra Regina Franchi; OLIVEIRA, Terezinha. A imagem como fonte e objeto de pesquisa em História da Educação. **Seminário de Pesquisa do PPE**, Universidade Estadual de Maringá, 2010. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/037.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

SANTOS, Márcia; WASCHINEVSKI, Susane. A difusão das boas maneiras universais por meio dos manuais do PABAAE-INEP. **Momento - diálogos em educação**, EISSN 2316-3100, v. 30, n. 02, p. 397-419, 2021.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. São Paulo: Edusc, 2007.

SILVA, Vivian Batista da. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 35, p. 268 - 277, maio/ago. 2007.

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). **Revista brasileira de história da educação**, n° 6 jul./dez. 2003.

SOUZA, Rosa Fátima de. A cultura material na história da educação: possibilidades de pesquisa. **Revista brasileira de história da educação** n° 14 maio/ago. 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**, Curitiba, n.18, p. 75-101. 2001. Editora da UFPR.

VIEIRA, Livia Maria Fraga. Mal necessário: creches no Departamento Nacional da Criança (1940-1970). **Cad. Pesq.**, São Paulo (67): 3-16, novembro 1988. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1215/1220>>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como arqueologia: cultura material escolar e escolarização. In: **Investigar, Intervir e Preservar em História da Educação**. Porto, 2017.

VIDA CARIOCA. **Curso de Jardim de Infância e Pré-Primário**. Rio de Janeiro, 1961, *n.p.*, edição 0369(1). (HBDN)

WASCHINEWSKI, Susane Costa; RABELO, Giani. Biblioteca de orientação da Professora Primária do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar– PABAAE (1956 -1964). **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 286 - 314, jan./abr. 2018.